

Revista Especial de
MEIO AMBIENTE



**A CATÁSTROFE
QUE NOS AMEAÇA
E COMO
COMBATÊ-LA:**

**Uma visão marxista da
destruição ambiental**

CORRENTE
SOCIALISTA DE
TRABALHADORAS
E TRABALHADORES
PSOL



União Internacional de Trabalhadoras
e Trabalhadores - Quarta Internacional

Revista da UIT-QI

Unidade Internacional de
Trabalhadoras e Trabalhadores
Quarta Internacional



Escritório
Coordenação
Internacional

México 1230
Buenos Aires
Argentina
Telefones: 00 54 11 - 4381-4240

UIT-QI



www.uit-ci.org

Tradutores:

Eloisa Mendonça
João Santiago
Henrique Lignani
Natalia Granato

Correção:

Lucas Schlabendorff

Capa: Cindy Ishida

Diagramação:

Marlu Soares

Contribuição:

Contribuição : R\$ 20,00
Contribuição Solidária: R\$ 40,00

SUMÁRIO

Introdução	3
Capítulo 1: A destruição ambiental e as mudanças climáticas são produto do sistema capitalista-imperialista e de sua decadência.....	4
Capítulo 2: Crise ambiental e antecedentes do marxismo	7
Capítulo 3: A catástrofe ambiental produzida pelo capitalismo	11
Capítulo 4: A política imperialista diante da crise ambiental	17
Capítulo 5: Surge um movimento internacional contra a contaminação ambiental capitalista	21
Capítulo 6: As correntes do movimento	25
Capítulo 7: Algumas das polêmicas do movimento....	27
Capítulo 8: O que é o Ecosocialismo?.....	29
Capítulo 9: Socialismo ou catástrofe	33
Capítulo 10: Programa de mobilização contra a destruição ambiental capitalista.....	38

Contatos

Argentina: izquierdasocialista@opinalector.com - **Bolivia:** opet.uito@gmail.com - **Brasil:** Corrente Socialista de Trabalhadoras e Trabalhadores: combatesocialista@gmail.com - **Chile:** mst.chile.s@gmail.com - **Colômbia:** colectivosunidos.uita@gmail.com - **Estado Espanhol:** luchaint@telefonica.net - **Estados Unidos:** Núcleo Socialista: socialistcore@gmail.com - **México:** posmas1980@gmail.com - **Panamá:** Propuesta Socialista: propuestapanamauit@hotmail.com - **Peru:** Unios en la lucha: Uniospe@gmail.com - **Turquia:** iscicephesi@gmail.com - **Venezuela:** Partido Socialismo y Libertad: partidosocialismoylibertadpsl@gmail.com

Sites recomendados: www.uit-ci.org / www.nahuelmoreno.org / www.izquierdasocialista.org (Argentina) / www.cstpsol.com (Brasil) / www.unios.tk / www.laclase.info (Venezuela) / www.socialistcore.org (EUA) / www.mstchile.cl (Chile) / www.facebook.com/unios.peru (Peru) / www.facebook.com/Propuestapanama (Panamá) / www.luchainternacionalista.org (Estado Espanhol) / www.iscicephesi.net (Turquia) / www.movimientoalsocialismo.org (México) / www.facebook.com/colectivos.unidos.9 (Colômbia) / www.lavozdelostrabajadores.art.blog (República Dominicana)



Introdução

A UIT-QI diante da destruição ambiental capitalista

A catástrofe que nos ameaça e como combatê-la

Apresentamos um trabalho aprovado no VII Congresso Mundial da UIT-QI, em dezembro de 2020. Trata-se de uma visão marxista da crise ambiental capitalista, desde os antecedentes dos mestres do marxismo até os nossos dias.

O mundo está sofrendo uma das crises mais graves de sua história. Não apenas crescem a pobreza, a exploração, a fome e até a falta de água potável para bilhões de pessoas, mas também estamos sofrendo enfermidades massivas, como a Covid-19. A causa desta calamidade é o sistema capitalista-imperialista, um sistema irracional, injusto e a serviço dos capitalistas. A miséria crescente, a superlotação dos espaços urbanos e as mudanças climáticas formam um terreno fértil para as novas enfermidades. A Covid-19 evidenciou o desastre do capitalismo e a destruição, por exemplo, da saúde pública estatal.

Parte desse desastre são as mudanças climáticas e o avanço da destruição ambiental. Dados científicos indicam que, até o ano de 2050, o planeta poderá se tornar inabitável, caso as emissões de CO₂ não sejam freadas. Esse é o abismo para onde o capitalismo nos leva, enquanto uma minoria de multimilionários e suas multinacionais seguem multiplicando seus gigantescos lucros. Somente a derrubada do sistema capitalista-imperialista, a expropriação da burguesia e governos socialistas dos trabalhadores podem planificar racionalmente a economia mundial para cuidar da natureza e do ser humano, parte constituinte dela. Nesse caminho de luta, não significa que o prognóstico dos cientistas, que estabelece 2050 como limite, seja inexorável. As lutas podem obter conquistas e mudanças parciais nas políticas energéticas

e ambientais. Não serão mudanças de fundo, mas as lutas podem ir fazendo frente ao ritmo da crise ambiental. A luta está aberta e não somos “colapsistas”.

Desde 2018, o movimento contra a contaminação ambiental e o aquecimento global se massificou, encabeçado por um setor da juventude com centro na Europa, mas com extensão mundial. É um movimento progressivo e que tende a se chocar com as multinacionais e com os governos capitalistas, que são os responsáveis pela contaminação e pelo fato de não haver soluções.

Consideramo-nos parte desse movimento e apoiamos as suas justas demandas, fazendo tudo o que for possível para obter a mais ampla unidade de ação por elas, sem nenhum tipo de sectarismo. Somos o setor socialista revolucionário desse movimento amplo em defesa da vida no planeta. A UIT-QI apoia e impulsiona todas as lutas populares e da juventude em defesa dos recursos naturais e que enfrentem o saque e a depredação da natureza.

Apresentamos um programa para impulsionar a mobilização, buscando a mais ampla unidade de ação em defesa do meio ambiente, mas, também, denunciando o saque das riquezas por parte do imperialismo e das multinacionais, na perspectiva de unir essas lutas às lutas da classe trabalhadora e dos setores populares do mundo para impor uma mudança de fundo: governos das e dos trabalhadores e o socialismo. A disjuntiva é: socialismo ou catástrofe.

Capítulo 1



O rompimento da Barragem em Brumadinho – MG segue sem indenizações aos atingidos e os prejuízos ambientais ao Paraopeba (bacia do São Francisco) são incalculáveis e se estendem até hoje (Foto: R7).

A destruição ambiental e as mudanças climáticas são produto do sistema capitalista-imperialista e de sua decadência

No século XXI, a humanidade está passando por uma das crises mais graves da história. A decadência do capitalismo imperialista segue se aprofundando. A crise é global e se expressa em todos os terrenos. É econômica, política, social, moral, cultural e também se expressa na destruição da humanidade e da natureza. A destruição ambiental e as mudanças climáticas são produto do sistema capitalista-imperialista e de suas políticas de exploração e depredação, encabeçadas pelas multinacionais.

As águas são envenenadas pelos dejetos industriais, pela megaminação a céu aberto; a atmosfera das grandes cidades se torna escassa. As selvas e os bosques se transformam em desertos e se eliminam espécies

vegetais e animais. A ONU, um organismo do imperialismo, divulgou um informe sobre as mudanças climáticas, elaborado por 250 cientistas, que apresenta o prognóstico de que, até o ano 2050, o planeta poderia ser inabitável, caso não sejam freadas as emissões de CO₂. Esse é o abismo para onde o capitalismo está nos levando. Como assinalamos, não descartamos que as mobilizações ambientalistas e das massas, em geral, possam alongar no tempo tal prognóstico.

O avanço na crise ambiental confirma que seguimos na época imperialista de decadência capitalista, onde as forças produtivas não apenas não se desenvolvem, como também o capitalismo segue destruindo a humanidade, em especial a classe trabalhadora, e a natureza.

“O colossal desenvolvimento das forças produtivas e da riqueza social provocado pelo capitalismo chegou ao seu ponto culminante no século XIX. A partir de fins do século XIX, com o surgimento dos monopólios, o capitalismo começou a se transformar em sua etapa imperialista. Desde 1914, a existência da burguesia (dona dos meios de produção e de circulação) e dos Estados burgueses, com suas fronteiras nacionais, transformaram-se em uma barreira, um entrave absoluto para o crescimento. As forças produtivas deixaram de crescer. A Primeira Guerra Mundial, com sua seqüela de milhões de mortos (uma sangrenta e fabulosa destruição de forças produtivas), foi uma expressão monstruosa da decadência do capitalismo” (Nahuel Moreno, *Conceptos elementales del*

materialismo histórico (La visión marxista de la sociedad), página 17, www.nahuelmoreno.org).

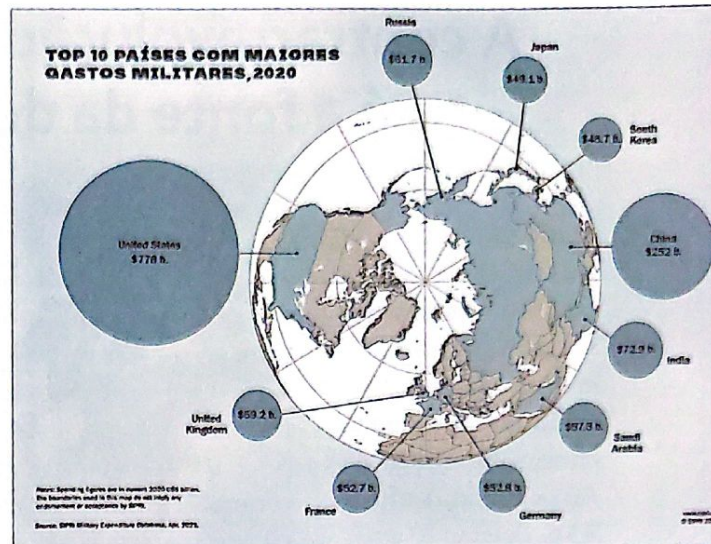
No século XXI, as causas do não crescimento das forças produtivas seguem vigentes, pois a burguesia não pode superar a condição de ser dona dos meios de produção e de basear-se na existência das fronteiras nacionais. Caso fizesse isso, destruiria a si mesma. O eixo do sistema capitalista é o lucro e, em sua decadência, o imperialismo não tem outra saída para buscar aumentar as cotas de mais-valia a não ser os planos de superexploração e saque.

“As forças produtivas, consideradas em seu conjunto, estão formadas por três elementos: os meios de trabalho (cuja fonte essencial é a natureza); as ferramentas e a técnica; e o ser humano. Para Marx, o fator mais importante é o ser humano: por isso, ele qualificou este como a principal força produtiva” (Nahuel Moreno, O Partido e a Revolução, capítulo VII, página 209, www.nahuelmoreno.org).

“De todos os instrumentos de produção, a força produtiva mais importante é a própria classe revolucionária. A organização dos elementos revolucionários como classe supõe a existência de todas as forças produtivas que podiam se engendrar no seio da velha sociedade.” (Karl Marx, Miséria da Filosofia, 1847).

A realidade mostra que o ser humano segue sendo degradado com maiores níveis de miséria e pobreza e que a natureza segue sendo destruída. Dois dos componentes das forças produtivas.

Não apenas as forças produtivas não crescem, como aumentam as forças destrutivas, como o armamentismo mundial. As reservas para defesa em nível mundial chegaram, em 2018, à



cifra de 1,8 trilhão de dólares, representando 2,1% do PIB mundial, em torno de 230 dólares por habitante no planeta. Trata-se do gasto mais alto dos últimos 20 anos. No ano 2000, esse gasto era de cerca de 1 trilhão. Os Estados Unidos encabeçam o pódio, com um gasto de 649 bilhões de dólares. Em seguida, China (250 bilhões de dólares), Arábia Saudita (67,6 bilhões de dólares), Índia (66 bilhões de dólares), França (63,8 bilhões de dólares) e Rússia (61,4 bilhões de dólares).

Desenvolvimento tecnológico e destruição ambiental

O terceiro fator, a técnica, teve grande desenvolvimento. A revolução tecnológica, com o avanço na informática, na internet ou na robótica, é inquestionável. Porém, nas mãos do capitalismo, não se transformou em um verdadeiro progresso para a humanidade, nem em uma vida digna para a classe trabalhadora e os setores populares, mas ao contrário. O mundo vive uma situação de decadência econômica e social.

Como assinalava Nahuel Moreno, a técnica é neutra. Suas conquistas ou não, dependem da classe que as controle:

“A técnica – como também a ciência e a educação – são fenômenos neutros que se transformam em produtivos ou destrutivos de acordo com a utilização classista que lhes seja dada. A energia atômica é uma descoberta científica e técnica colossal, mas, transformada em bomba atômica, é uma grande tragédia para a humanidade; nada tem a ver com o progresso das forças produtivas, mas sim com o progresso das forças destrutivas. A ciência e a técnica podem

originar o enriquecimento do ser humano – desenvolver as forças produtivas – ou a decadência e destruição do ser humano. Depende de sua utilização; e sua utilização depende da classe que as detenha em suas mãos. [...]

Neste pós-guerra, vimos o colossal desenvolvimento da indústria armamentista, isto é, das forças destrutivas da sociedade, e também um desenvolvimento da técnica que levou a um empobrecimento do ser humano, a uma crise da humanidade, a guerras crescentes e a um começo de destruição da natureza” (Atualização do Programa de Transição, Tese XIV, página 47, www.nahuelmoreno.org).

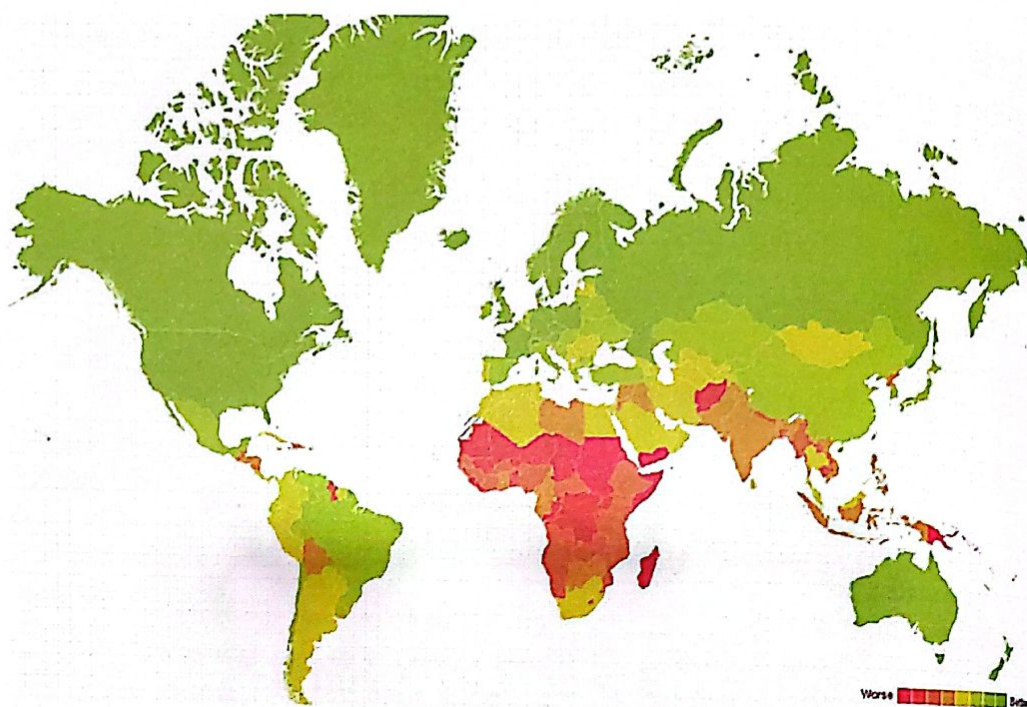
Os avanços tecnológicos e da ciência não levam a um progresso material, mas ao crescimento dos níveis de decadência social no planeta, de bilhões de pessoas em maior miséria e pobreza, enquanto, por outro lado, um punhado de pessoas aumentam as suas super-riquezas. Confirma-se a lei de Marx, de “miséria crescente” no capitalismo.

A contrarrevolução econômica permanente é a fonte da destruição ambiental

A revolução tecnológica não fez com que o capitalismo superasse sua crise crônica e iniciasse uma etapa de desenvolvimento e crescimento sustentável. Ao contrário, desde 2008, desatou-se uma crise aguda da economia capitalista, comparável à crise de 1929. Mais de uma década de estagnação e períodos de recessão global. Fatos inesperados, como a epidemia do coronavírus, mostraram a debilidade do sistema e contribuíram para um retrocesso maior da crise econômica. O que faz com que o imperialismo, as multinacionais e seus governos aprofundem os ataques contra o nível de vida das massas e o saque e destruição da natureza, buscando recuperar suas perdas.

Esse plano de contrarrevolução econômica permanente do imperialismo e das multinacionais é a fonte da destruição da natureza, da classe trabalhadora e dos povos oprimidos. O agravamento da destruição ambiental nas últimas décadas coincide com o desdobramento das políticas mais agressivas da contrarrevolução econômica do imperialismo. Ou seja, a constante busca pelo aumento das cotas de exploração, em busca do lucro.

Segundo o Índice Multidimensional de Pobreza (IMP) de 2019, da ONU, mais



O mapa mostra a distribuição geográfica do ND-GAIN, indicador de vulnerabilidade às mudanças climáticas, os mais vermelhos são mais vulneráveis (Fonte: Universidade de Notre Dame).

de 1,3 bilhão de pessoas de 101 países analisados se encontram em situação de “pobreza multidimensional”, isto é, carecem de necessidades como saúde, educação e padrão de vida (água potável, eletricidade, habitação). Vinte e seis multimilionários possuem a mesma quantidade de dinheiro que as 3,8 bilhões de pessoas mais pobres do planeta.

Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), calcula-se que, em 2018, havia 172 milhões de pessoas desempregadas no mundo, uma taxa de desemprego de 5%. A África do Sul, por exemplo, possui 29,1% de desocupação, dos quais 58,1% são jovens menores de 25 anos. Na Grécia, a taxa de desemprego é de 16,3%, 34,7% são jovens menores de 25 anos. A Espanha,

com 13,7% de desemprego, dos quais 30,6% são jovens menores de 25 anos. A Turquia, com 13,3% de desemprego, onde 24% são jovens menores de 25 anos. A Colômbia aparece com 11,8%.

O trabalho precário cresceu no mundo nos últimos anos, especialmente entre a juventude. Cerca de 1,4 bilhão de trabalhadores ocupavam empregos vulneráveis em 2017. Emprego vulnerável é definido como sendo aquele em que os trabalhadores não possuem carteira assinada, não têm acesso à seguridade social ou têm apenas um acesso intermitente, por contratos temporários ou de tempo parcial, com contratos de 6 meses ou menos. Tudo isso se agrava com a crise do coronavírus.

Outra mostra de crise humanitária são os refugiados

ou migrantes forçados, por fome ou guerras, como ocorre na África, Oriente Médio e América Latina e Central. Atualmente, são registrados os níveis mais altos de refugiados e de deslocamentos forçados. Uma cifra sem precedentes de 70,8 milhões de pessoas em todo o mundo se viu obrigada a fugir de seus lares.

Essa decadência do capitalismo se expressa na persistência das epidemias de cólera e de ebola, o novo surto epidêmico da dengue e a reaparição do sarampo. Os pesquisadores

calculam que, a cada ano, há entre 3 e 4 milhões de casos de cólera no mundo e entre 21 e 143 mil mortes por essa causa. Nos primeiros sete meses de 2019, haviam sido notificados 364.808 casos de sarampo no mundo. Uma doença que se considerava erradicada. Trata-se de um número três vezes maior do que no mesmo período de 2018 (129.239 casos). A atual epidemia de ebola, na República Democrática do Congo, é a décima desde 1976 e a segunda mais grave da história, depois daquela da África Ocidental, em

2014-2016 (11 mil mortos na Libéria, Serra Leoa e Guiné). Em 2019, foram reportados 3.139.335 casos de dengue. Agora, surge o coronavírus, que está impactando o mundo e mostrando o colapso dos sistemas de saúde capitalistas.

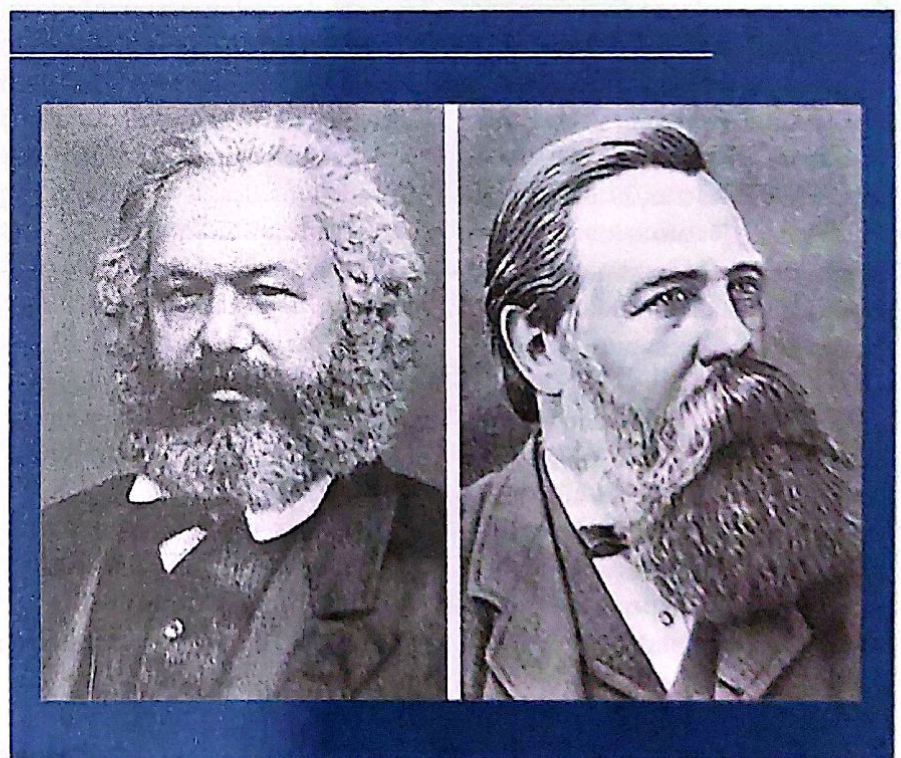
Até aqui, referimo-nos à situação de destruição que o sistema está provocando para as massas exploradas. A seguir, vamos desenvolver os alcances da destruição da natureza. A destruição ambiental e a mudança climática são parte desse processo global de decadência capitalista.

Capítulo 2 Crise ambiental e antecedentes do marxismo

A humanidade vai caminhando para a catástrofe nas mãos do capitalismo, das multinacionais e de seus governos. Tal conclusão é formulada cientificamente pelo

marxismo, com base nos fatos da realidade, desde os próprios Karl Marx e Friedrich Engels e é o fundamento da necessidade de uma revolução socialista.

Muitos ecologistas modernos criticam o marxismo e, em especial, os seus fundadores, Marx e Engels, por haver ignorado, segundo eles, o problema ecológico, por haver centrado sua visão no domínio da natureza por parte do ser humano, menosprezando a natureza e o dano que o ser humano realizava com sua produção. Ao contrário, ainda que naquela época o problema da destruição da natureza não estivesse no centro dos temas



de debate, Marx e Engels, com sua visão materialista, anteciparam em seus textos o papel de destruição da natureza presente no modo de produção capitalista. Nós, marxistas, seguindo nossos mestres

fundadores, afirmamos que o capitalismo, desde suas origens, teve um caráter depredador sobre a natureza e os seres humanos. E assim foi se manifestando em todas as suas diferentes etapas.

Marx e Engels: "O capitalismo destrói as fontes de toda a riqueza, a terra e o trabalhador"

A conclusão de Marx é que "o sistema capitalista se opõe a uma agricultura racional, ou que a agricultura racional é incompatível com o sistema capitalista (apesar deste promover o seu desenvolvimento técnico), e que precisa das mãos dos pequenos camponeses que trabalham pessoalmente ou do controle dos produtores associados." (Marx, O Capital, Tomo III).

Marx, em outra parte de O Capital, fala sobre o "esgotamento das fontes da fertilidade" da terra:

"E todo o progresso da agricultura capitalista não é apenas um progresso na arte de esgotar o trabalhador, mas, também, na arte de esgotar o solo; todo o avanço no aumento da fertilidade deste durante um período dado, é um avanço no esgotamento das fontes duradouras dessa fertilidade. Esse processo de destruição é tanto mais rápido quanto mais um país tome a grande indústria como ponto de partida e fundamento do seu desenvolvimento, como é o caso dos Estados Unidos".

Encerra assinalando categoricamente que:

"A produção capitalista, conseqüentemente, não desenvolve a técnica e a combinação do processo social de produção a não ser esgotando, simultaneamente, as duas fontes de toda a riqueza: a terra e o trabalhador." (Marx, *ibidem*, Tomo I).

Engels, em seu importante trabalho *Dialética da Natureza* (1863), aprofunda, por exemplo, sobre a destruição das florestas e suas conseqüências:

"O fabricante ou o comerciante de que se trata se

dá por satisfeito em vender a mercadoria fabricada ou comprada com a margem de lucro usual, sem que se preocupe minimamente com o que possa acontecer amanhã com a mercadoria ou com seu comprador. O mesmo acontece com as conseqüências naturais desses atos. Aos plantadores espanhóis em Cuba, que atearam fogo nas florestas das encostas de suas regiões, e a quem as cinzas servirão como magnífico adubo para uma geração de cafeeiros altamente rentáveis, não lhes importava que, com o passar do tempo, as tempestades tropicais arrastassem a camada superior da terra, agora carente de qualquer proteção, deixando a rocha exposta. [...]"

"Todavia, não nos deixemos levar pelo entusiasmo de nossas vitórias sobre a natureza. Depois de cada uma dessas vitórias, a natureza toma a sua vingança. É verdade que as primeiras conseqüências dessas vitórias são aquelas previstas por nós, mas, em segundo e em terceiro lugar, aparecem conseqüências muito diferentes, totalmente imprevistas e que, frequentemente, anulam as primeiras. Os homens que na Mesopotâmia, na Grécia, na Ásia Menor e em outras regiões derrubavam as florestas para obter terras aráveis, não podiam sequer imaginar que, ao eliminar com as florestas os centros de acumulação e reserva de umidade, estavam fornecendo as bases para a atual aridez dessas terras. Os italianos dos Alpes, que derrubaram as florestas de pinheiros nas encostas do sul, conservados com tanto zelo nas encostas do norte, não

tinham ideia de que com isso destruíam as raízes da indústria de laticínios em sua região; muito menos podiam prever que, ao agir assim, deixavam as fontes de montanha sem água durante a maior parte do ano, lhes permitindo, com a chegada do período de chuvas, jogar as suas torrentes sobre a planície com uma fúria um tanto maior. Aqueles que difundiram o cultivo da batata na Europa não sabiam que, com esse tubérculo farináceo, difundiam também a escrofulose."

Por sua vez, Engels já denunciava nesse mesmo texto a distorção que o modo de produção capitalista, centrado no lucro, produzia e a necessidade de obter "a derrubada da burguesia":

"Os homens que nos séculos XVII e XVIII trabalharam para criar a máquina a vapor não suspeitavam que estavam criando um instrumento que subverteria, mais do que nenhum outro, as condições sociais em todo o mundo, e que, sobretudo na Europa, ao concentrar a riqueza nas mãos de uma minoria e ao privar a imensa maioria da população de possuir qualquer propriedade, proporcionaria, primeiro, o domínio social e político à burguesia e, depois, provocaria a luta de classes entre a burguesia e o proletariado, luta que pode terminar apenas com a derrubada da burguesia e a abolição de todos os antagonismos de classe." (Friedrich Engels, O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). Apêndice de *Dialética da Natureza*)

Lenin, Luxemburgo, Trotsky

Rosa Luxemburgo formulou sua célebre consigna “socialismo ou barbárie”, indicando que a sociedade retrocederia à barbárie se a classe trabalhadora não conquistasse o poder e destruísse o capitalismo.

Para Lenin e Trotsky, na primeira metade do século XX, a principal ameaça era a entrada na época de crise e decadência crônica do imperialismo e do capitalismo, que traria guerras, mais miséria e o enfrentamento da revolução com a contrarrevolução mundial.

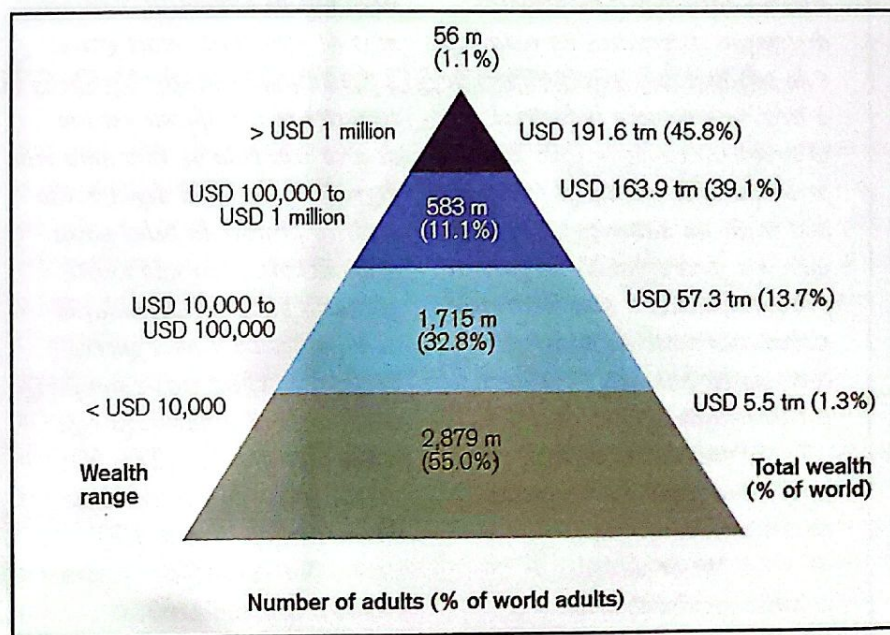
Já no Programa de Transição, escrito por Trotsky, assinalava-se que: “As forças produtivas da humanidade se estagnaram. As novas invenções e melhorias técnicas já não conseguem elevar o nível da riqueza material. As crises conjunturais, nas condições da crise social do sistema capitalista em seu conjunto, infligem às massas privações e sofrimentos cada vez maiores [...]. Os pré-requisitos objetivos para a revolução proletária não apenas estão ‘maduros’; começam a apodrecer. Sem uma revolução socialista no período histórico imediato, toda a civilização humana está ameaçada por uma catástrofe. Tudo depende agora do proletariado, isto é, principalmente, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade se reduz à crise da direção revolucionária” (Programa de Transición, 1938, páginas 17 e 18, Ediciones El Socialista).

“O nível atual da tecnologia e da capacidade dos operários permite criar condições adequadas para o desenvolvimento material e espiritual de toda a humanidade. Seria necessário apenas organizar a economia de cada país e de todo o mundo de forma correta, científica



e racional, seguindo um plano geral. Todavia, enquanto as principais forças produtivas da sociedade estiverem nas mãos dos trustes, isto é, de camarilhas capitalistas isoladas; enquanto o Estado nacional seguir sendo uma ferramenta manejada por essas camarilhas, a luta pelos mercados, pelas fontes de matérias-

primas, a dominação do mundo assumirá inevitavelmente um caráter cada vez mais destrutivo. Somente a classe operária revolucionária pode arrancar das mãos dessas camarilhas imperialistas o poder do Estado e o domínio da economia.” (Manifesto da IV Internacional, 1940).



Dados mostram como, durante a pandemia, o fosso entre super-ricos e os mais pobres se alargou. Hoje, enquanto 1,1% da população mundial concentra quase metade da riqueza global, 56% das pessoas acessam irrisórios 1,3% (fonte: Credit Suisse – Relatório da Riqueza Global 2021).

As contribuições de Nahuel Moreno

Em 1973, Nahuel Moreno polemiza com Ernest Mandel, líder da IV Internacional – Secretariado Unificado, que nessa época defendia a teoria de uma etapa de crescimento das forças produtivas sob o “neocapitalismo”. Moreno, em momentos em que a discussão ecológica tinha acabado de surgir e estava restrita ao meio acadêmico, o contestava, dizendo que o capitalismo destruiu as bases das forças produtivas, a humanidade e a natureza.

“O capitalismo, em sua época de ascenso, provocou um progresso colossal das forças produtivas, justamente porque significou um enriquecimento total delas: maior domínio da natureza, enorme desenvolvimento das máquinas e das técnicas, maior consumo e enriquecimento geral do ser humano e da sociedade. O imperialismo provocou uma contradição aguda dentro do sistema das forças produtivas: destruição sistemática da natureza e do ser humano, em contraposição à terceira revolução industrial.

O problema ecológico (que tanto preocupa os cientistas que veem a destruição da natureza), por um lado, e a fome crônica e as guerras, por outro, levam a uma destruição sistemática tanto da natureza como do ser humano.” (O Partido e a Revolução, op. cit., p. 209).

Poucos anos depois, em Atualização do Programa de Transição, afirma:

“Apesar de todos os triunfos revolucionários, a humanidade está na beira do precipício. O marxismo, o trotskismo, indicaram que, sob o

regime imperialista e mesmo sob o regime da própria burocracia, se a crise de direção do proletariado não fosse superada, a queda na barbárie estaria colocada para humanidade em um novo regime de escravidão, como continuação do regime imperialista. Apenas o socialismo permitiria a superação do mundo da necessidade e a entrada no mundo da liberdade. Ou entramos no mais terrível mundo de exploração e miséria, de aprisionamento da humanidade na barbárie, ou entramos, por meio do socialismo, no mundo da liberdade.”

“A monstruosidade do regime imperialista e burocrático fez com que a categoria de barbárie tenha ficado para trás. Os colossais meios de destruição desenvolvidos pelo imperialismo e pelos Estados operários burocráticos modificaram o perigo que a humanidade enfrenta. Já não se trata da queda em um novo regime escravista, bárbaro, mas de algo muito mais grave: a possibilidade de que o globo terrestre se transforme em um deserto sem vida ou com uma vida degradada devido à degeneração genética provocada pelos novos armamentos. Mas não existe apenas o perigo de degradação da vida devido a uma guerra nuclear; também existe um perigo imediato: que a natureza siga sendo destruída...” (Tese XL, Atualização do Programa de Transição, op. cit., p. 100).

No livro Conversaciones (1986), Moreno também denuncia a destruição da flora natural pelo capitalismo e suas consequências:

“Me refiro, por exemplo, às sementes híbridas que produziram a chamada revolução verde. Justamente a isso eu ia me referir, porque os híbridos são um exemplo de como as grandes descobertas da ciência também se voltam contra a natureza quando são utilizadas pelo capitalismo. Ao capitalismo interessam apenas os híbridos de grande rendimento econômico. Então, são preparadas grandes extensões de terra para serem semeadas com essas sementes, o que significa que a flora natural, de rendimento econômico limitado, é destruída. Assim, desaparecem dezenas de plantas e sementes, simplesmente porque não rendem como os híbridos. Também desaparecem espécies animais cuja caça gera lucros aos burgueses ou satisfação pessoal ao caçador...” (página 6, www.nahuelmoreno.org).

A realidade atual mais do que confirma essas análises de nossos mestres do marxismo. Agregou-se como grande problema central a emissão de gases de efeito estufa e a aceleração da mudança climática pelo aquecimento global. Junto a isso, a questão da degradação da terra, produto da agricultura capitalista, o armamentismo imperialista e as guerras seguem muito presentes.

Confirma-se, também, a sua conclusão programática básica: apenas a derrubada do sistema capitalista-imperialista, a expropriação da burguesia e governos socialistas dos trabalhadores podem planificar racionalmente a economia mundial para cuidar da natureza e do ser humano como parte dela.

A catástrofe ambiental produzida pelo capitalismo

Capítulo 3

Os séculos XX e XXI viram uma destruição ambiental sem precedentes. Apesar da destruição desenfreada dos recursos naturais ser uma constante no desenvolvimento capitalista, com a desaparecimento de florestas inteiras, a caça até a extinção total ou quase total de numerosas espécies, uma ânsia ilimitada, por parte

da burguesia, de exploração e saque tanto da natureza quanto da classe trabalhadora. Com o desenvolvimento da ecologia moderna em finais do século XIX, pôde-se começar a medir de maneira rigorosa o impacto ambiental do capitalismo.

Assistimos, atualmente, ao que vários cientistas denominam de

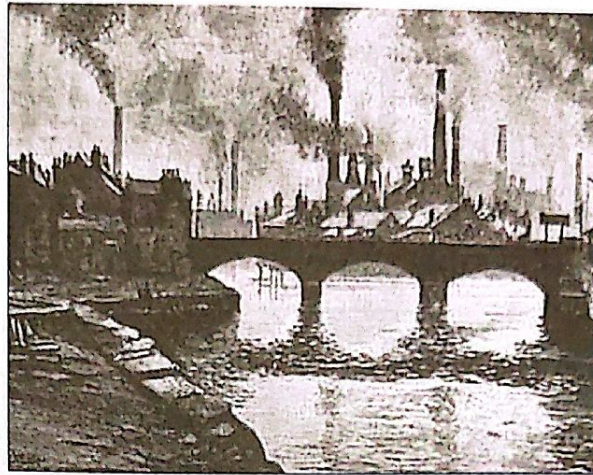


Ilustração da paisagem inglesa durante a Revolução Industrial.

“a sexta extinção em massa”, com uma diminuição de 60% da fauna silvestre nos últimos 40 anos, e nos aproximamos do limiar do colapso climático, de consequências imprevisíveis, incluindo, potencialmente, a extinção humana.

A recessão mundial acelerada pela pandemia da Covid-19 é um exemplo do que esta etapa

histórica prepara: a transmissão de doenças de outras espécies para os humanos é favorecida pelas atividades capitalistas, como a destruição de habitats naturais e a comercialização de animais silvestres, como ocorre, por exemplo, na China capitalista. Porém, o capitalismo foi incapaz de responder aos avisos da ciência.

O efeito estufa e o aumento da temperatura

Chamamos de efeito estufa o fenômeno por meio do qual a atmosfera terrestre retém parte do calor emitido pela superfície do planeta ao refletir os raios solares. Os gases da atmosfera terrestre regulam o clima, deixando passar parte da radiação solar e retendo parte do calor que reflete da superfície, enquanto outra parte se dissipa. Os principais gases atmosféricos que incidem nesse fenômeno são o dióxido de carbono (CO₂), o ozônio, o metano e o vapor de água.

O efeito estufa produzido pelos gases da atmosfera

tem um efeito benéfico para o desenvolvimento da vida no planeta, pois, sem ele, as temperaturas seriam muito baixas e sujeitas a mudanças extremas. Contudo, no capitalismo, alcançou-se uma acumulação de CO₂ muito acima das flutuações naturais ocorridas nos últimos milhões de anos, levando ao atual processo de aquecimento global em curso.

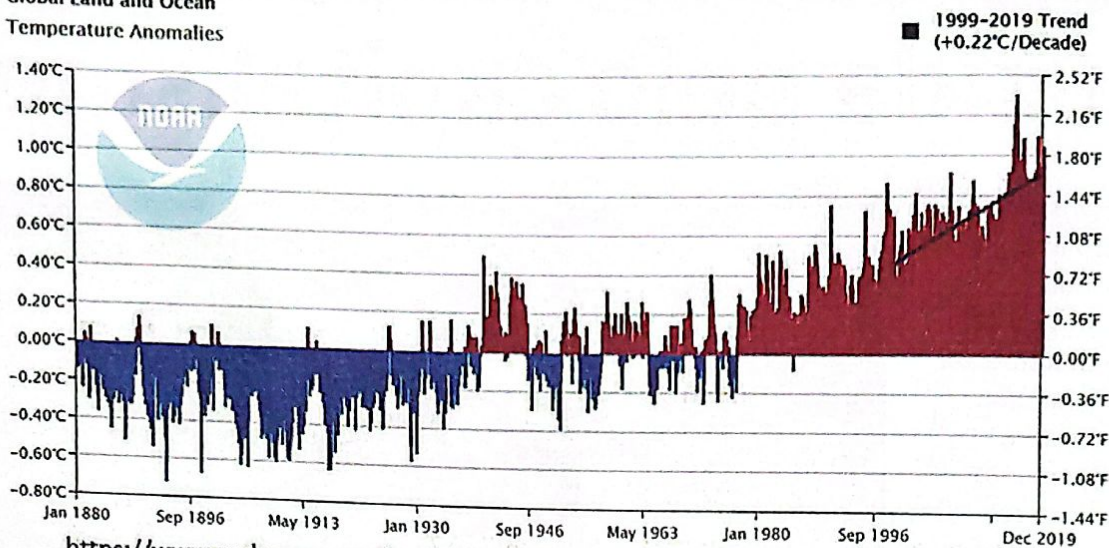
Essa tendência se acentuou com o crescente peso do petróleo, do carvão e do gás na geração de energia por parte do capitalismo e de suas multinacionais.

A queima de carvão foi

responsável por 40% das emissões de combustíveis fósseis em 2018, seguida pelo petróleo (34%) e pelo gás natural (20%). No ano de 2018, as emissões mundiais alcançaram um recorde: 36,6 bilhões de toneladas de CO₂; isto é, 61% acima dos níveis registrados em 1990. Esses dados procedem de um estudo do Global Carbon Project, no qual participaram pesquisadores de 58 instituições em nível mundial (La Vanguardia, 4/12/2019). No que se refere à emissão de gases de efeito estufa, 60% é produzido na China, nos EUA e na União Europeia. O país que lidera a

Varição mensal da temperatura global 1880-2019 e tendência do período 1999-2019

Global Land and Ocean
Temperature Anomalies



https://www.ncdc.noaa.gov/cag/global/time-series/globe/land_ocean/all/5/1880-2019

Fonte: Centro Nacional de Dados Climáticos EUA.

emissão de CO₂ é a China, com 12 bilhões de toneladas, seguida pelos EUA, com mais de 6 bilhões de toneladas (dados de Clarín, Argentina, abril de 2018). A China é um dos países capitalistas que mais contribui para a destruição ambiental mundial. Nos últimos 40 anos, foram instaladas na China cerca de 70 mil empresas estrangeiras, majoritariamente multinacionais norte-americanas e europeias, que produzem sem respeitar nenhuma norma ambiental e superexplorando milhões de trabalhadores e trabalhadoras. O informe de 2018 da Agência Internacional de Energia (IEA, na sigla em inglês) revelou que o carvão seguirá sendo a principal fonte de energia do mundo. Tal matéria-prima representa quase 40% da geração de eletricidade e, com isso, também supõe 40% das emissões de dióxido de carbono. A China é, disparadamente, o primeiro produtor de carvão, com 3,657 bilhões de toneladas, 46,4%. Em seguida,

estão: EUA, com 922 milhões de toneladas (11,7%); Índia, com 606 milhões de toneladas (7,7%); e Austrália, com 431 milhões de toneladas (5,5%). A China foi o principal consumidor de carvão em nível mundial em 2019, com aproximadamente 1,9 bilhão de toneladas, seguida pela Índia e pelos EUA, com cerca de 452 e 317 toneladas, respectivamente (junho, es.statista.com). Entre as mais destacadas multinacionais do carvão, estão as norte-americanas Peabody Energy Corp e Arch Coal Inc; a anglo-suíça Glencore; as anglo-australianas Rio Tinto e

BHP Billiton; a anglo-sul-africana Anglo American; e a colombiana-estadunidense Drummond.

A maior parte do consumo de energia se concentra nos EUA, na União Europeia e na China. As assimetrias no consumo da energia e a divisão internacional do trabalho sob o domínio imperialista são enormes. Países como os EUA e o Canadá possuem um consumo per capita de energia até 30 vezes maior do que a maioria dos países latino-americanos e africanos.

A Organização Meteorológica Mundial alertou que “2019 encerra uma década



Imagem de satélite da Terra vista à noite, pode-se verificar nela a concentração de consumo de energia elétrica (Fonte: NASA).

de calor global excepcional, perda de gelo e recorde de aumento do nível do mar, impulsionados pelos gases de efeito estufa emitidos pelas atividades humanas”. As temperaturas médias para os períodos de 2015-2019 e 2010-2019 são as mais altas registradas desde 1850. Em 2019, a temperatura média está aproximadamente 1,1 grau Celsius acima da média

do período pré-industrial, e, nas superfícies polares, o aumento é duas vezes maior do que a média. Desde 1990, as emissões de CO2 cresceram 61%. Em 11 de maio de 2019, registrou-se a maior medição de CO2 na atmosfera em três milhões de anos, acima de 415 partes por milhão. Durante a maior parte dos últimos milhões de anos, o nível foi de 280 partes por milhão.

Nos últimos vinte anos, o aumento dessa concentração de CO2 foi de mais de 13%. Não se sabe com precisão qual seria o ponto de não retorno rumo a consequências climáticas imprevisíveis e devastadoras. Distintas estimativas apontam para um aumento médio da temperatura de 2 graus Celsius em algum momento entre os anos de 2030 e 2052.

Fonte: Shutterstock



O derretimento das geleiras e suas consequências

No ano de 2019, foram registrados níveis historicamente mínimos de gelo na Antártida, Groenlândia e no Ártico, desde o início das medições por satélite, em 1993. A diminuição dessa superfície interfere, por exemplo, no progresso normal da vida do urso polar. A perda das geleiras influencia também no aumento do nível do mar. O Informe do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), da ONU, prognostica um aumento do nível do mar de 43 centímetros para o ano 2100. No cenário mais adverso, poderia chegar a 84 (dados em *El País*, 26/9/2019). As populações costeiras, 700 milhões de pessoas, estarão ameaçadas por mais ciclones tropicais, tempestades e inundações, devido ao aumento do nível dos oceanos.

As emissões líquidas de CO2 teriam que ser reduzidas entre 40% e 70% em 2050, em comparação aos níveis de 2010, e chegar a zero em 2070 para que o aumento da temperatura não seja ainda maior. Alguns gases que

produzem o efeito estufa possuem uma vida curta, mas o CO2 e outros duram centenas de anos e se acumulam. Por isso, as emissões líquidas precisam chegar a zero em 2070, ou seja, ao mesmo nível que a natureza consegue absorver, para que a concentração desses gases não aumente. Porém, o imperialismo e as multinacionais não têm nenhum interesse nesses planos. Um exemplo do negacionismo capitalista é o caso do gás SF6 (hexafluoreto de enxofre), usado para a fabricação de material isolador ou como isolante térmico, que é utilizado na indústria elétrica e até na indústria de energia eólica, para prevenir curtos-circuitos e incêndios elétricos. Esse gás, pouco conhecido, tem uma incidência no efeito estufa milhares de vezes maior do que o CO2. Porém, os capitalistas preferem seguir com sua utilização, ao invés de investir na pesquisa para sua substituição.

Oceanos e florestas absorvem, aproximadamente, a metade das emissões de CO2; a outra metade vai para a atmosfera. Ao aumentar o

nível presente na atmosfera, aumenta sua absorção pelos oceanos e, assim, aumenta o índice de acidificação destes, com efeitos desastrosos para os seus ecossistemas. Além disso, a temperatura dos oceanos já alcança níveis recordes, liquidando os corais e ameaçando a vida submarina.

O aquecimento global já incide no aumento da frequência e da intensidade de tufões e furacões, incêndios florestais e na desertificação. Desde a década de 1980 até agora, a quantidade anual de desastres naturais quase triplicou. Em 2019, vimos grandes inundações nos EUA, Canadá, Rússia, Irã e no sudoeste asiático; secas na África e sudeste asiático e no sudoeste do Pacífico; ondas de calor na Europa e no Japão, entre outros desastres. Já há mais de 20 milhões de refugiados por razões climáticas e de contaminação ambiental no mundo, superando a quantidade de refugiados por conflitos bélicos. Os povos indígenas são, proporcionalmente, os mais afetados por esse processo.

A agricultura, o desmatamento e o agronegócio

Agricultura e a indústria florestal nas mãos do agronegócio e de suas multinacionais geram 26% das emissões de gases de efeito estufa. O modo de produção capitalista no meio rural provoca a destruição irracional das riquezas florestais e dos cultivos, utilizando práticas que esgotam os solos e provocam a erosão das terras. As multinacionais, as grandes empresas capitalistas agropecuárias (produtoras de soja e gado) e os exportadores (Cargill, Bunge, ADM) atuam em função do lucro e querem estender as fronteiras produtivas de forma irracional para plantações de soja ou para instalar gado, desmatando de forma selvagem, o que resulta em incêndios e secas, não realizando uma rotação correta de cultivos, provocando erosão nos solos, não cuidando dos ecossistemas e contaminando as águas.

As emissões de matéria orgânica em excesso na água, por exemplo, processo de contaminação conhecido como eutrofização, chega a ser até 30 vezes maior na produção de carne

bovina do que nas fontes vegetais. A degradação do solo pela pecuária também libera CO₂ e impede o desenvolvimento da vegetação que poderia absorvê-lo no futuro.

Na China, o modo de produção capitalista no campo ressalta essas políticas extremas de destruição ambiental na ânsia pelo lucro. Não é casual que seja o país capitalista onde mais se apresentam condições que propiciam o desenvolvimento de novos vírus e aumentam o risco do salto entre espécies (zoonoses), como ficou demonstrado com as gripes aviária e suína, que antecederam o desastre da Covid-19. Em 2019, na China, produziu-se nas fazendas uma epidemia de peste suína africana (inócua para os humanos, mas fatal para os porcos) que atingiu todas as províncias chinesas, com exceção de uma, e, em algumas delas, está provocando uma perda drástica nos rebanhos. Vietnã (também grande consumidor de porco), Camboja e Mongólia estiveram entre os afetados na Ásia Oriental. A China perdeu 50% do estoque de porcos, o equivalente a 200 milhões de cabeças. Não

foi a primeira crise enfrentada na indústria de carne do país asiático. A última crise, em 2011, provocou milhares de intoxicações pelo uso de clembuterol (um esteroide) para acelerar o crescimento dos animais. A depredação ambiental capitalista propicia zoonoses; estima-se que mais de 60% das doenças infecciosas que afetam os seres humanos são causadas por vírus e bactérias cujos hospedeiros originais eram animais de outras espécies.

Está previsto que, no próximo quinquênio, o uso de biocombustíveis (queima de madeira ou matéria orgânica, ou a produção de álcoois ou óleos de origem vegetal para queima) cresça mais do que as fontes de energias hídras, eólicas e solares; por isso, sua produção compete com o uso do solo para a produção de alimentos, encarecendo estes e aumentando a fome e a miséria. Além disso, esses biocombustíveis também geram grandes emissões de CO₂, embora sejam falsamente promovidos como alternativas aos hidrocarbonetos para economizar emissões.

Sukinda, Índia, considerada a cidade mais poluída do mundo, segundo a OMS.



A contaminação ambiental

O aquecimento global não é o único problema ambiental de enormes dimensões. A contaminação atmosférica representa a principal causa de morte para os humanos: estima-se que cause entre 6 e 7 milhões de mortes prematuras anuais. Três milhões de pessoas dependem da queima de madeira, carbono, resíduos agrícolas ou querosene para cozinhar, aquecimento ou iluminação, e são os mais expostos a enfermidades relacionadas à contaminação do ar. Estamos na época mais sobrecarregada de poluição química da história. A alta penetração nas últimas décadas de multinacionais na Índia, Bangladesh e China é o principal motivo que faz desses países os mais contaminados.

A Índia domina a lista das cidades mais contaminadas do mundo. Nova Deli foi, novamente, a capital com o ar mais sujo. Em décimo

lugar, a cidade de negócios vizinha Gurugram, que, em 2016, mudou seu nome para Gurgaon. Bangladesh é o país mais contaminado do planeta, segundo o informe da IQAir (www.iqair.com) (2019).

Estima-se que na China, atualmente, a contaminação do ar mata 1,1 milhão de pessoas ao ano. “Tangshan é o centro da indústria pesada e queima de carbono, uma cidade que produz cimento, produtos químicos e mais de cinco por cento do aço mundial. Tangshan figura como a sexta cidade mais contaminada do país e as cinco primeiras também estão na província de Hebei. A fumaça de carvão proveniente das fábricas e centrais hidrelétricas da região se direciona para Pequim e contribui para os infames ‘apocalipses’ na capital (há um nesta semana)”. Beth Gardiner, em *National Geographic*, 9/11/2017, www.nationalgeographic.com/news/2017/05/china-air-pollution-solutions-environment-tangshan/.

com/news/2017/05/china-air-pollution-solutions-environment-tangshan/.

A contaminação radioativa é o legado da corrida armamentista, com a realização de mais de duas mil provas nucleares, e de desastres como os das usinas nucleares de Chernobyl, Fukushima e Three Mile Island.

O acesso à água potável é fundamental para a saúde e bem-estar humanos. Porém, 2,3 bilhões de pessoas, quase um terço da população mundial, não possuem acesso. Mais de 1,4 milhões de pessoas morrem anualmente por enfermidades relacionadas com a contaminação da água e saneamento inadequado. O consumo de água para irrigação, consumo doméstico, usos industriais e mineração estão esgotando numerosas fontes. Desde 1970, perdeu-se 40% das áreas úmidas, o que também contribui para o aquecimento global.

A biodiversidade reduzida pelo capitalismo

A biodiversidade tem sido reduzida drasticamente pela atividade capitalista. Excluindo os humanos, cuja população se multiplicou por três desde 1950 e se poderia quadruplicar até 2050, chegando a dez bilhões, 94% dos animais do planeta são animais domésticos. Apenas 6% são animais silvestres. Já há mais tigres domésticos nos EUA que em estado selvagem no resto do mundo, por exemplo. Cerca de 42% dos invertebrados terrestres e 34% dos aquáticos estão correndo risco de extinção, e nos últimos 50 anos a população de espécies vertebradas tem caído mais de 60%.

O desmatamento capitalista está debilitando a capacidade da selva amazônica de absorver CO₂. Desde a década de 1980 até os tempos atuais, a capacidade de absorção de CO₂ da Amazônia tem se reduzido pela metade e uma quinta parte dessa região emite mais CO₂ do que absorve, segundo estudos do Instituto Brasileiro de Estudos Espaciais. Em 30 anos, a metade da Amazônia poderia se converter em savana devido à depredação dos grandes pecuaristas e do agronegócio. Entre julho e setembro de 2019, ocorreram terríveis incêndios no Brasil e na Bolívia. As florestas tropicais têm sido as mais desmatadas no mundo no último século. O desmatamento capitalista e os incêndios da floresta amazônica afetam o regime de chuvas e o clima da América Latina e do mundo.

A contaminação por plástico também é impressionante. Na década de 1980, atingiu-se uma produção acumulada de plástico na casa do bilhão de toneladas. Em menos de quarenta anos essa cifra cresceu a 8,3 bilhões de toneladas acumuladas. Dessa quantidade, 2,5 bilhões de toneladas se encontram em uso, 700 milhões foram incinerados, 500 milhões foram reciclados e dos reciclados

somente 100 milhões estão em uso. O plástico de uso único representa a assustadora cifra acumulada de 5,8 bilhões de toneladas. Estima-se que 4,6 bilhões de toneladas foram descartadas em aterros sanitários ou nos oceanos. Uma parte importante dos plásticos que chegam ao oceano o faz viajando pelos rios: do Amazonas chegam anualmente 38,9 mil toneladas de plásticos. O rio Yangtsé, da China, contribui para o Oceano Pacífico com mais de 330 mil toneladas anuais. O Ganges, da Índia, 115 mil toneladas, e assim sucessivamente.

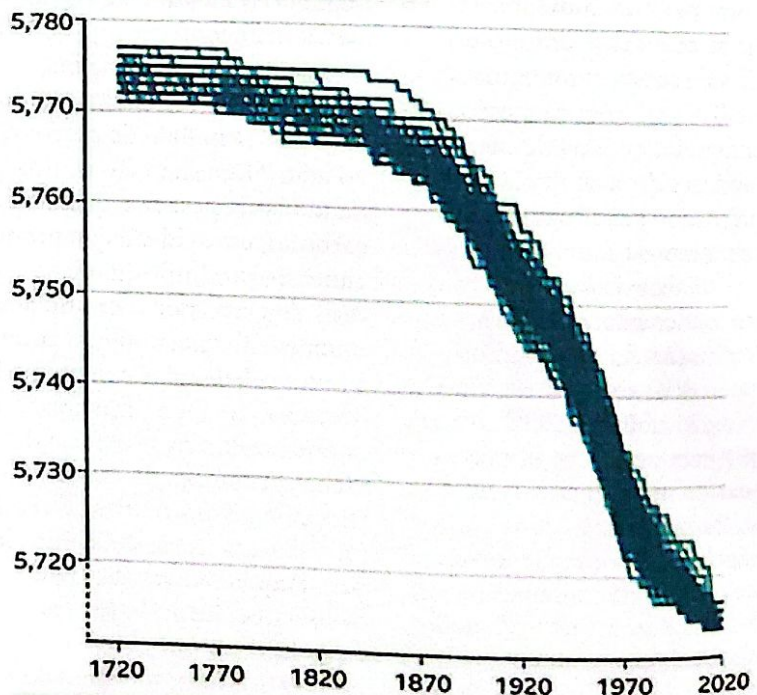
Todos os oceanos e mares estão contaminados em todas as profundidades com o plástico. Para mais de 3 bilhões de pessoas, mais de 20% da sua dieta provém da pesca. As micro e nanopartículas de plástico presentes nos mares

são ingeridas por peixes e, conseqüentemente, pelas pessoas.

Existe uma gigantesca ilha de lixo no Oceano Pacífico que está crescendo em grande velocidade, segundo uma nova pesquisa publicada na revista Nature. De acordo com o estudo, essa área de resíduos, que se expande por 1,6 milhões de KM² – o que dá quase três vezes o tamanho da França – contém cerca de 80.000 toneladas de plástico (em BBC News Mundo, 23/10/2019). Mas também há microplásticos na água potável e até no ar. Ainda não se estudou devidamente os efeitos do consumo de plástico na saúde humana. A incapacidade da burguesia para limitar a produção de plástico e eliminar o plástico de uso único resulta em uma terrível degradação do meio ambiente.

Espécies de mamíferos perdidas nos últimos 300 anos

Número de espécies de mamíferos



Fonte: Gothenberg Global Institute Centre



Capítulo 4

A política imperialista diante da crise ambiental

Trump encabeça a corrente do negacionismo diante do aquecimento global a nível mundial. Retirou os EUA do Acordo de Paris em 2016 sob o argumento de que prejudicava a economia ianque. Coincide com essa política a China, que tampouco se compromete a cortar emissões, sendo o principal país emissor e uma maquina gigante a serviço da burguesia dos EUA e da União Europeia. Durante o inverno de 2018, diante da onda de frio, Trump alegou que o fato refutava a existência do aquecimento global. O negacionismo é a expressão mais extrema e agressiva da renúncia de amplos setores da burguesia a colocar em prática as reformas necessárias para impedir o colapso ambiental. As indústrias Koch, propriedade dos irmãos Koch, cujas fortunas combinadas os colocariam como a segunda maior

Bezos, da Amazon, e acima de Bill Gates, são pesos pesados da burguesia imperialista negacionista. São os fundadores do Instituto Cato, ultraliberal, que realizou a primeira convenção negacionista em 1991. Adquiriram peso no Tea Party e no Partido Republicano em geral, até conseguirem em Trump o seu principal porta-voz. Também incidem as petroleiras e carvoeiras, as indústrias armamentistas e as automobilísticas. Os discursos negacionistas mais sofisticados admitem que há um fenômeno de aquecimento global, porém atribuem a causas distintas da atividade econômica. Por exemplo, o físico Nir J. Shaviv, defende que o fator decisivo é o aumento da atividade solar. A direita ianque, aproveitando o grande atraso político do país, apela também para a Bíblia, dizendo que o ser humano não pode modificar o clima “criado por deus” e coisas do tipo. Dada sua debilidade

argumentativa, esses setores estão optando, em muitos casos, pela mudança de tática denominada “de negar a atrasar”: em vez de questionar a evidência científica do aquecimento global, questionam a eficácia das soluções propostas, visando postergar a sua aplicação. Setores de extrema direita, como o Vox espanhol, consideram a negação das mudanças climáticas parte de uma disputa “cultural”, diretamente ideológica.

Outro caso é o primeiro-ministro australiano, Scott Morrison, um evangélico negacionista que tomou para si a bandeira de não reduzir a produção de carbono, apesar da Austrália ser um dos países que registra maiores aumentos de temperatura e que sofreu incêndios vorazes em dezembro de 2019 e janeiro de 2020, que consumiram mais de 8 milhões de hectares. Mais de quinhentos milhões de animais foram consumidos pelas chamas.

Mudanças climáticas e duplo discurso imperialista

O imperialismo europeu e setores liberais dos EUA abonam o consenso burguês na ONU, onde se consolidou um duplo discurso sobre a reforma do capitalismo para o bem da sua sustentabilidade, apoiado por tecnocratas ambientais e ONGs. Esse setor critica os negacionistas, mas não propõe medidas de fundo de acordo com as caracterizações científicas acerca do ritmo da destruição capitalista do ambiente e os riscos que oferecem ao ser humano, sobretudo a iminência do colapso climático. Nessa linha se localizam governos como os de Trudeau, Merkel e Macron, que promovem os incentivos a grandes empresas para a transição produtiva; impostos aos combustíveis (como o que gerou a mobilização dos coletes amarelos); e, discursivamente, o desenvolvimento da energia eólica e solar. Nesse aspecto, é de se notar que todos os principais países emissores de CO₂ investem anualmente menos de 1% do PIB em desenvolvimento de energia renovável. EUA, por exemplo, um irrisório 0,2%. Ao mesmo tempo, as empresas europeias, ainda que de países cujos governos dizem estar preocupados com o aquecimento global, aproveitam a frouxidão em questões ambientais da ditadura capitalista chinesa.

Até o FMI tem documentos ambientais, nos quais, por exemplo, recomenda os impostos ao comércio de carbono. No entanto, o Papel de Trabalho 19/185, publicado em setembro de 2019, admite que a instituição não tem propostas para fazer coincidir a mitigação das mudanças climáticas com o crescimento capitalista. Entre as suas principais recomendações está que se deixe de subsidiar a energia elétrica como medida de proteção ambiental, o que, na realidade, torna mais desigual o acesso à energia. O BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento)

também faz recomendações para reduzir as emissões, reconhecendo a maior vulnerabilidade dos países atrasados.

Existem setores que advogam por reformas um pouco mais profundas, como Bernie Sanders e Ocasio-Cortez, do Partido Democrata ianque, que impulsionam o chamado Green New Deal, um programa de medidas reguladoras, análogo ao realizado por Roosevelt em seu momento, que visa garantir uma possível transição ecológica. Intelectuais reformistas como Naomi Klein também estão nessa órbita ideológica. Da mesma forma que os partidos verdes, com significativa representação no parlamento europeu, assim como algumas ONGs. Esses setores denunciam a indústria das energias fósseis e propõem subsídios estatais para a “transição ecológica”. Muitos governos capitalistas e a própria ONU também falam de uma “transição energética”, que é uma definição que usam para tentar responder ao desastre ambiental, argumentando que se trataria de uma renovação, a longo prazo, do sistema de energia atual por energias renováveis (eólica, painéis solares), acompanhadas de campanha de uso de bicicletas, etc. São medidas cosméticas e parciais. No caso de Sanders, coloca-se ênfase na manutenção dos empregos. 71% das emanações são produzidas por cem empresas que não respondem às necessidades da sociedade, mas somente à busca pelos lucros de seus proprietários e acionistas, e essas relações de produção capitalistas não são questionadas pelos reformistas.

As chamadas energias renováveis se baseiam em fontes naturais como o sol, a água, o vento e os resíduos orgânicos, ainda que, sem dúvidas, o sol é o motor gerador de todos os ciclos que dão origem às demais fontes. Todavia, ocupam uma baixa porcentagem de geração de energia: 10,8% do total (dados de 2018).

Porém, não conseguem assegurar uma mudança segura. Mais de dois terços da energia de origem renovável gerada atualmente, por exemplo, corresponde a “biocombustíveis tradicionais”, ou seja, fundamentalmente a queima de lenha e resíduos florestais, agrícolas e pecuários. Entre esses tipos de combustíveis, aparecem o etanol, o biodiesel e outros, como o gás metano, o biogás, o metanol e o butanol, entre outros menos conhecidos.

Há setores burgueses com investimentos em geração de energia eólica, solar e em métodos de economia de energia, como os carros elétricos, que, por seus interesses econômicos, apoiam ONGs ambientalistas e fazem lobby a favor do subsídio estatal ao seu setor, como o magnata sueco Ingmar Kentzhog, o investidor Soros e outros. Os quatro maiores fabricantes de turbinas eólicas, que representam mais da metade do mercado, 55% das máquinas, são a dinamarquesa Vestas, a espanhola Siemens Gamesa, a chinesa Goldwind e a estadunidense General Electric (19/02/20, Elperiodicodelaenergia.com).

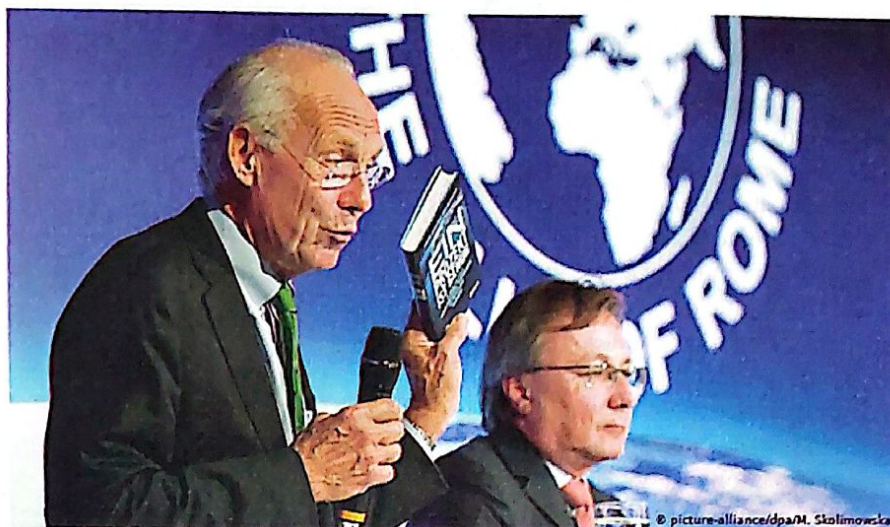
A ONU admite que as tímidas metas de desenvolvimento sustentável e desenvolvimento humano estabelecidas para 2030 e 2050 tendem a não ser cumpridas. Nem a erradicação da fome e das mortes infantis evitáveis, o acesso universal à água potável e aos serviços de energia modernos; muito menos o melhoramento da qualidade da água e a superação da sua escassez; o melhoramento da qualidade do ar, a limitação do aquecimento global, a minimização da acidificação marítima, a redução da contaminação por nutrientes dos oceanos, a preservação da biodiversidade ou a realização de uma utilização sustentável dos recursos marítimos. O informe GEO6, publicado pela ONU em 2019, demonstra que seu planejamento foi um fracasso.

Os antecedentes do aquecimento global e a irracionalidade destrutiva capitalista

Há muito tempo que o imperialismo e a burguesia estão cientes do problema do aquecimento global. Já na década de 1950 se previa o aumento da temperatura média em vários graus como consequência da queima de combustíveis fósseis. Desde a década 1960, o climatologista soviético Evgeny K. Fedorov advertia sobre o aumento do nível dos mares e o degelo na Groenlândia, devido ao aquecimento global.

Em 1972, o Clube de Roma, de inclinações neomalthusianas¹, publicou seu informe Os limites do crescimento, elaborado por pesquisadores do MIT, cuja conclusão é que, caso se mantivesse o incremento da industrialização, da produção de alimentos, da população e da exploração dos recursos naturais, alcançar-se-ia os limites do crescimento dentro dos próximos cem anos, pela finitude dos recursos disponíveis. Diante disso, propõem a solução equivocada de procurar um crescimento zero que detenha o crescimento populacional e econômico.

Uma das preocupações centrais de então era o esgotamento dos postos de petróleo. Em 1972, também se assinou a Declaração de Estocolmo através da Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente Humano, a primeira conferência importante sobre o tema ambiental, onde se estabeleceu uma série de princípios conservacionistas e a noção geral de que os recursos naturais devem ser preservados para as futuras gerações mediante a planificação ordenada e racional, favorecendo para tal fim a pesquisa e a cooperação internacional. Em 1979, reuniu-se o Grupo Ad Hoc sobre Dióxido de Carbono e Clima em Massachusetts, EUA, liderado por Jule Charney, e



Jorgen Randers (e) e Graeme Maxton apresentam o último relatório do Clube de Roma em 2016.

preparou-se um informe que concluiu que, ao duplicar a quantidade de CO₂ na atmosfera, o aumento da temperatura mundial ficaria entre 1,5 e 3 graus Celsius. O prognóstico corresponde de maneira bastante aproximada ao comportamento do clima e da concentração atmosférica de CO₂ desde então. No mesmo ano também se realizou em Gênova a primeira Conferência sobre o Clima. A multinacional petroleira Exxon conhecia as pesquisas sobre as mudanças climáticas desde 1977. Apesar disso, o imperialismo e as multinacionais sempre apostaram em aumentar a exploração e conseguir maiores taxas de exploração dos reservatórios de hidrocarbonetos. Durante a última década, inclusive, se impulsionou, de maneira criminoso, especialmente nos EUA, o método de fracking (fraturamento hidráulico), para explorar reservatórios anteriormente inacessíveis.

A Cúpula da Terra do Rio de Janeiro em 1992, invocando em sua fundamentação a conferência de 1972, foi a primeira que propôs estabelecer mecanismos concretos de

cooperação em matéria de diversidade biológica, desertificação e mudança climática, assim como declarações sobre o desenvolvimento sustentável e preservação das florestas. Os EUA não assinaram a convenção sobre a diversidade biológica. Um de seus acordos foi realizar uma convenção sobre mudança climática da qual se derivou o Protocolo de Kyoto e, posteriormente, os Acordos de Paris.

O Protocolo de Kyoto de 1997 estabelecia uma meta de reduzir as emissões de CO₂, metano, óxido nitroso e três gases industriais fluorados, entre 2008 e 2012, em um modestíssimo 5% global com relação às emissões de 1990. Em 2009, assinou-se uma ratificação do acordo, que os EUA rechaçaram. O Canadá se retirou do Protocolo em 2011.

¹ - Em uma nova versão das ideias do economista inglês do século XIX, Thomas Malthus, que argumentava, falsamente, que o crescimento da população levaria irremediavelmente à fome, há setores da burguesia que ainda hoje defendem que é necessário frear o crescimento populacional ou inclusive diminuir a população mundial para não esgotar os recursos naturais.

Estados Unidos e a China desconhecem o tímido Acordo de Paris de 2015

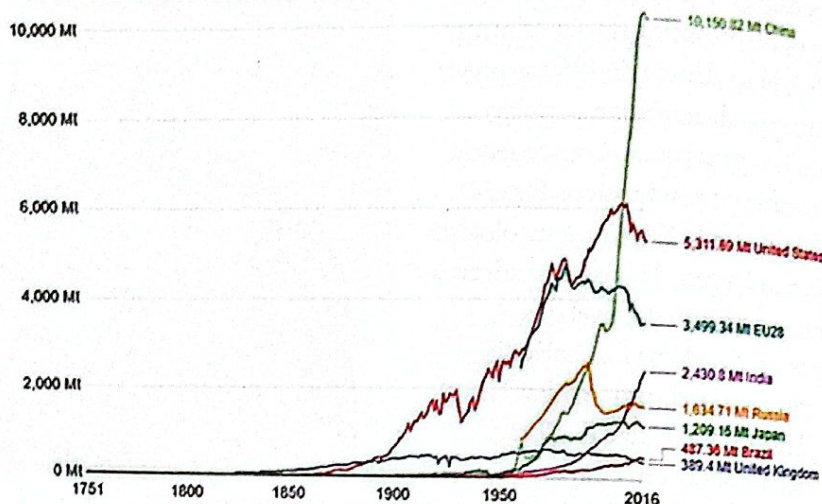
Em 2015, assinou-se o Acordo de Paris, para substituir os acordos de Kyoto a partir de 2020, sem ir além dos compromissos voluntários de cada país sob uma orientação geral de limitar o aumento da temperatura mundial a dois graus Celsius durante o século XXI.

O artigo 6 dos Acordos de Paris propõe acordos de sistemas de câmbio de unidades ou direitos de emissão de CO₂ entre países e empresas. Nunca puderam regulamentar. O sistema consiste em certificar as economias nas emissões de CO₂ por projetos, por exemplo, de reflorestamento ou conservação de florestas. A partir daí, as empresas compram esses títulos e os contabilizam como “cortes de emissões”. Desde 2015 há um mercado de emissões (ETS) que obriga as indústrias mais poluentes a comprarem direitos de emissão. Em 2019, a tonelada de CO₂ estava cotada em 25 euros. Essa política só alcançou resultados tristes.

Segundo os acordos de Kyoto, os países industrializados devem restringir suas emissões, e o mesmo não é cobrado dos países periféricos ou pouco industrializados, gerando uma divisão internacional entre emissores de carbono e compradores. Ademais, pratica-se uma dupla contabilidade, a mesma unidade é contada tanto para o país que produz a unidade como para o que compra. As metas de cortes de emissões assumidas voluntariamente pelos estados no marco dos Acordos de Paris até agora implicam uma projeção desastrosa de aumento de 3,2 graus Celsius até o fim do século XXI. Com a retirada do acordo por parte dos EUA, até essa projeção fica incerta.

Para que o aumento da temperatura em relação aos níveis pré-industriais fique entre 1,5 e 2 graus, as emissões líquidas precisam

Emissões anuais brutas



Source: Global Carbon Project, Carbon Dioxide Information Analysis Centre (CDIAC)

CC BY-SA

Nosso Mundo em Dados – Our World in Data, em inglês. Universidade de Oxford.

chegar a zero em 2050. Porém, segundo as previsões dos governos capitalistas, não se espera que as emissões deixem de crescer antes de 2030. Alguns cientistas consideram que os governos operam sob um pressuposto de que devem surgir novas tecnologias para extrair CO₂ da atmosfera. É uma aposta irracional achar que uma tecnologia inexistente, para cujo desenvolvimento não se investe significativamente, possa impedir o desastre. Em dezembro de 2019, soma-se um novo fracasso: a Cúpula do Clima da ONU em Madrid, também chamada de COP25, a continuação de uma série de cúpulas mundiais anuais iniciada em 1995. Os negociadores somente puderam acordar generalidades; 84 países acordaram estabelecer metas maiores de redução de emissões, mas os países que somam 55% das emissões não se comprometeram, a saber, EUA, China, Rússia e a Índia. Os cortes de emissões precisariam triplicar para se manter em 2 graus o aumento da temperatura global durante o século XXI.

A evidência de um desastre ambiental e a pressão do movimento de massas têm obrigado os governos a tomar algumas medidas parciais.

Devido a isso, há um modesto avanço em termos de eficiência do consumo de energia. Se for medido o número de quilos de CO₂ por dólar de produto bruto (em valores constantes), essa intensidade de emissões diminuiu mais de 20% nas últimas três décadas. Atualmente, a taxa dessa queda está entre 1% e 2% ao ano. Mas, para cumprir as metas do Acordo de Paris, seria necessário passar por uma redução anual entre 4% e 6%. O consumo de energia reflete as assimetrias da ordem imperialista: os dez países com maior fome e pobreza (Quênia, Somália, Burundi, Eritreia, entre outros) contribuem com menos de 0,1% das emissões globais.

No tema de uma suposta “transição energética”, que propõe a ONU, as multinacionais não têm nenhum interesse. Cada cúpula mundial e cada recomendação da ONU são meras declarações para esconder o evidente desastre ambiental. O imperialismo e as multinacionais são os responsáveis por seguir conduzindo o mundo e a economia global em função de seus lucros.



"Fridays for Future" manifestação em Berlim na Alemanha, em 2018. Foto: Jörg Farys / Fridays for Future

Surge um movimento internacional contra a contaminação ambiental capitalista

Capítulo 5

Desde 2018, o movimento contra a contaminação ambiental e o aquecimento global se tornou massivo, encabeçado por uma corrente juvenil com centro na Europa, mas estendido a todo o mundo. Pela primeira vez, existe um movimento mundial de massas ambientalista, articulado internacionalmente. Esse atual movimento internacional é uma reação ao agravamento qualitativo das mudanças climáticas.

Entretanto, há décadas ocorreram milhares de conflitos ambientais com mobilizações populares, tanto nos países imperialistas, Estados Unidos, Europa e Japão, como no mundo semicolonial, Índia,

China, América Latina e África. O motivo sempre foi que os desastres ambientais afetam diretamente grandes setores da população trabalhadora, pobre e indígena. Essas mobilizações, que em geral enfrentam multinacionais mineradoras, petroleiras, indústrias da pesca ou o agronegócio capitalista, tendem a crescer em massividade e em importância política.

Parte da reconversão capitalista imperialista foi mudar as indústrias mais poluentes para a China, a Índia, o leste asiático e outros países semicoloniais, justamente para evitar as regulações ambientais na Europa, nos Estados Unidos e no Japão, além de obter mão de obra barata. Dessa forma, a devastação ambiental para a obtenção de minerais, pesca industrial ou produtos agroindustriais

é uma outra forma, que adquire grande importância, de exploração imperialista dos países semicoloniais.

Também houve grandes mobilizações contra ameaças de possíveis desastres e contaminação. Um caso importante foi o massivo movimento antinuclear na Alemanha, desde a década de 1970, que obrigou esse país europeu a eliminar suas usinas nucleares e a mudar sua matriz energética (a Alemanha não produz energia nuclear e está na vanguarda da utilização de energia solar; no entanto, compra energia nuclear da França).

Em janeiro-fevereiro de 2020, o incêndio de milhões de hectares na Austrália produziu um desastre ecológico e uma grande mobilização popular contra a política do governo.

A América Latina se enche de lutas ambientais

Houve mobilizações ambientalistas importantes em praticamente todos os países latino-americanos: Brasil, Colômbia, Argentina, Peru, Venezuela, Chile, Equador, Honduras, México. Os líderes e ativistas camponeses, indígenas, comunitários e ambientalistas assassinados se contam às centenas.

Em 3 de março de 2016, foi assassinada a tiros, em Honduras, a líder e ativista indígena Berta Cáceres, por liderar durante anos a luta de seu povo em defesa da água e do meio ambiente. Foi assassinada por sicários, sob o governo pró-imperialista de Juan Orlando Hernández, porque se opunha à construção, por parte da multinacional chinesa Sinohydro (a maior companhia construtora de represas do mundo), de quatro represas hidrelétricas no rio Gualcarque. O Brasil tem grandes e históricos antecedentes dessas lutas e desses crimes no norte do país. Como foi o caso de Chico Mendes, assassinado em 22/12/1988, no estado do Acre, por pistoleiros a mando dos latifundiários. Chico Mendes liderava a luta pela expropriação de terras para uso coletivo dessas comunidades e, assim, chocava-se contra a expansão do agronegócio.

O Peru foi cenário de algumas das lutas mais fortes em defesa do meio ambiente. As duas principais foram o chamado “baguazo” de 2009, uma insurreição de indígenas amazônicos em defesa da floresta que resultou em 33 mortos contabilizados oficialmente e denúncias não

investigadas de muitos outros. A outra grande luta foi a do povo do Valle de Tambo e da região de Arequipa, que impediu, durante mais de 10 anos, a entrada da mineradora Southern Copper Corporation e de seu projeto de exploração na mina de cobre Tía María. Houve greves gerais, bloqueios de vias e um duro saldo de mortos e feridos pela repressão policial. Nesse tempo, passaram quatro presidentes, todos condenados por corrupção, e agora está no poder o quinto, Vizcarra, sem que nenhum consiga impor o projeto que, segundo indicam diferentes estudos, destruiria o rico Valle de Tambo e sua agricultura. Essas lutas foram uma das principais causas da crise política de todos os últimos governos e deram origem a fenômenos políticos regionais e nacionais, sendo o mais importante a Frente Ampla (FA), da qual Uníos, seção da UIT-QI, é parte.

Na Bolívia, o movimento ambientalista se massificou contra a construção de uma rodovia no Território Indígena e Área de Proteção Florestal TIPNIS, em 2011. Tratava-se de um obra em benefício de multinacionais

petroleiras, do agronegócio e do cultivo de coca. Com grande apoio popular, inclusive o apoio de uma greve geral de dois dias da Central Operária Boliviana (COB), o movimento derrotou o projeto, infligindo uma forte derrota para o governo de Evo Morales. Desde 2019, surgiu o movimento em defesa das florestas e contra a ampliação da fronteira agrícola para o benefício dos agroindustriais, que já provocou o incêndio de quase 5 milhões de hectares florestais, e também em defesa da área de proteção da Reserva Nacional de Flora e Fauna Tariquía, contra as petroleiras. O movimento se mantém contra o atual governo de Añez, que continua a política agrícola de Evo Morales.

Na Argentina, ocorrem lutas contra a mineração contaminante, que destrói áreas agrícolas. A mais recente delas enfrentou o novo governo de Alberto Fernández e o governo da província de Mendoza, obrigando a revogarem uma autorização para a utilização de arsênicos na mineração. Também houve mobilizações populares, especialmente em Córdoba, contra a instalação de uma fábrica da Monsanto.



Baguazo no Peru | Fonte: Facebook When Two Worlds Collide

Greta em Fridays for Future
(Fonte: instagram @gretathunberg)



“Fridays For Future” (Sextas-feiras pelo Futuro): ambientalismo com estudantes secundaristas na vanguarda

Desde que iniciou, em agosto de 2018, a fazer greve, faltando à escola, sozinha, para protestar diante do parlamento sueco, Greta Thunberg, de 16 anos, inspirou milhões de jovens dispostos a sair às ruas todas as sextas-feiras em dezenas de países. O movimento, chamado “Sextas-feiras pelo futuro”, reivindica que os líderes do mundo inteiro tomem medidas radicais para limitar o aquecimento global. A iniciativa da estudante sueca se converteu em um movimento global. Apenas na Alemanha, estima-se que há mais de 150 grupos juvenis locais. Por sua vez, mais de 12.000

cientistas da Alemanha, Áustria e Suíça, que se apresentaram como “Cientistas pelo futuro”, assinaram uma carta que apoia o movimento. Nela, consideram insuficientes as medidas adotadas para proteger o clima, a biodiversidade, os mares e os solos: “Nós somos os profissionais e dizemos: a geração jovem tem razão”.

Ainda que grupos de extrema direita os critiquem, muitos dirigentes políticos dizem “simpatizar” com o movimento. Entre eles, a chanceler alemã, Angela Merkel. Apesar disso, Greta Thunberg mantém, até agora, uma postura pessoal

independente de movimentos políticos e denuncia que “tanto a direita quanto a esquerda e o centro fracassaram” na luta contra a emergência climática.

Greves mundiais pelo clima

Entre 20 e 27 de setembro e em 29 de novembro de 2019, o movimento convocou greves climáticas mundiais. Apesar de não ter se tratado de paralisação da produção, houve marchas em mais de 2 mil cidades de 153 países, com milhões de participantes. O lema da greve de novembro foi “O mundo despertou diante da emergência climática”.

Essas marchas foram anteriores à COP25, conferência climática internacional que ocorreu em dezembro, em Madrid, à qual compareceram também dezenas de milhares de manifestantes, denunciando a falta de ação internacional real e o virtual fracasso da COP25 para tomar medidas ambientais concretas.

No foro de Davos, em 21 de janeiro de 2020, Greta

Thunberg acusou os líderes de terem se rendido ao aquecimento global, por “terem priorizado os interesses econômicos ao invés da transição ecológica”. Thunberg denunciou que “nada foi feito” na luta contra a mudança climática nos últimos tempos. Ela insistiu na necessidade de não esperar mais e exigiu de todos os dirigentes econômicos e políticos que acabem imediatamente com os

investimentos para a extração de combustíveis fósseis, assim como com os subsídios que favorecem o seu uso.

Acrescentou que compreende que é uma preocupação para todo o mundo que os Estados Unidos abandonem o Acordo de Paris, mas reprovou que ninguém se preocupe ou se indigne que todos os assinantes do acordo já o estão violando.

Movimento progressivo policlassista

O movimento contra a contaminação ambiental é um movimento que tende a se massificar entre a juventude na medida em que o problema ambiental é cada vez mais grave no mundo. Como descrito, abarca diferentes setores sociais afetados, em primeiro lugar, os trabalhadores e as trabalhadoras. Mas também setores de classe média e até setores burgueses, que apoiam apenas reformas parciais ou estão até mesmo interessados em vender tecnologia “verde”, como painéis solares.

Entretanto, reiteramos que é um movimento progressivo e que tende a se chocar com as multinacionais e com os governos capitalistas, que são os responsáveis evidentes pela contaminação e pelo fato de não haver soluções.

Devemos nos considerar parte desse movimento e apoiar as

demandas justas, fazendo todo o possível para obter a mais ampla unidade de ação por tais demandas, sem nenhum tipo de sectarismo. Trata-se sempre da tática de unidade-enfrentamento, pois somos parte de um movimento dentro do qual enfrentamos as direções ambientalistas burguesas, reformistas ou de esquerda que pretendem limitar programaticamente o movimento, sem apresentar as soluções de fundo; soluções que só podem ser implementadas com a derrubada do poder dos capitalistas imperialistas e com governos dos trabalhadores e uma economia planificada socialista nacional e internacional.

Somos o setor socialista revolucionário desse movimento amplo em defesa da vida no planeta. A UIT-QI apoia e impulsiona todas as lutas populares e

da juventude, em defesa dos recursos naturais e que enfrentam o saque e a destruição da natureza. Defendemos consignas como: não à contaminação da água, do ar, das terras e do mar; não à destruição das matas e das florestas; não à destruição da natureza por parte das multinacionais e sua política de saque imperialista. Chamamos a unidade de ação de sindicatos e centrais sindicais, assim como de organizações de esquerda, de mulheres, de direitos humanos e populares, camponeses e indígenas, com os jovens e os movimentos ambientalistas. Tratamos de levar a mobilização contra as multinacionais, como as petroleiras, as mineradoras, Bayer-Monsanto, na agricultura, e contra os governos que respondem a elas, que, em 99% das vezes, beneficiam-se diretamente com a destruição ambiental.

As correntes do movimento

Capítulo 6

Para apresentar o panorama das distintas posições dentro do movimento ambientalista, podemos partir afirmando que encontramos três grandes blocos de posições, que articulam três diagnósticos a respeito da gravidade da crise ambiental e suas respectivas propostas programáticas. Em

linhas gerais, temos: a) o “capitalismo verde” das correntes burguesas imperialistas, os partidos verdes europeus e as correntes ecologistas não socialistas, que utilizam as conclusões do IPCC (Grupo Intergovernamental de Especialistas sobre Mudanças Climáticas) para indicar as ameaças do aquecimento global, mas sem apresentar que o centro do problema é a subsistência do sistema capitalista (que abordamos no capítulo 4); b) o “marxismo colapsista”, uma corrente mais marginal, que sustenta que a catástrofe civilizatória já é irreversível e que as consignas do programa de transição já não têm sentido; e c) o “ecossocialismo”, que utiliza os mesmos dados científicos, mas agrega, de forma propagandística, a denúncia do sistema capitalista (desenvolvemos melhor essa em um capítulo específico mais adiante).

a) Capitalismo verde

É um fato que, dentro do movimento ambientalista, as correntes de maior peso e visibilidade sustentam uma política que não questiona o sistema capitalista em



Novo Acordo Verde. Alexandria Ocasio-Cortez e o senador Edward J. Markey anunciam novas propostas contra as emissões de carbono até 2050

seu conjunto, mas apenas alguns ramos da indústria e alguns governos.

A nível do movimento de luta, vemos tais posições na maior parte das ONGs ou agrupamentos ambientalistas. Inclusive, em suas variantes mais à esquerda, como Extinction Rebellion (XR), que tem um discurso semianarquista, o eixo de sua intervenção vai no sentido de ações de “conscientização” e não em fazer uma disputa real contra os governos e partidos que sustentam o capitalismo, suas multinacionais e as políticas de destruição ambiental.

Todavia, é progressivo que nas intervenções de uma das principais referências, Greta Thunberg, esteja cada vez mais presente a denúncia de que os governos ignoram os alertas da ciência porque se preocupam apenas com as riquezas e com as ideias de “progresso” em abstrato. Inclusive, ela se posicionou

recentemente contra o Green New Deal: “Se você olhar os gráficos de como ficar abaixo da linha de aumento médio de 1,5°C de aquecimento global e ler o ‘Green New Deal’, perceberá que a conta não fecha (...). Precisamos focar em fazer coisas agora, em vez de fazer compromissos para daqui a 10, 20 ou 30 anos. O Green New Deal não está alinhado com o nosso orçamento de dióxido de carbono” (Revista Rolling Stone, março de 2020, www.rollingstone.com/politics/politics-features/greta-thunberg-climate-crisis-cover-965949/).

A amplitude das correntes do capitalismo verde faz com que também atuem setores patronais interessados no desenvolvimento da indústria privada de energia renovável. Por exemplo, dizem que Greta Thunberg seria apoiada por alguns desses setores patronais. Os pais de Greta designaram Daniel Donner para cuidar da agenda e das aparições públicas de

sua filha. “Donner não é apenas um especialista em comunicação institucional, mas também é integrante da ‘European Climate Foundation’. Essa associação é apontada como a mais importante no que diz respeito ao lobby contra o aquecimento global” (Revista Noticias, Argentina, página 118, 28/09/2019).

Nesse plano, também devemos localizar as ideologias e campanhas que colocam todo o peso nas ações individuais, na reciclagem de plásticos e papéis ou no cuidado em fechar as torneiras. Desde já, nós, socialistas, também estamos a favor da reciclagem ou de fechar bem as torneiras. Mas não consideramos que apenas essas ações poderiam contrapor o efeito da maquinaria capitalista que ameaça a vida sobre a face da Terra.

Por outro lado, existem as correntes que põem o centro da intervenção na militância do veganismo, onde o impulso para o fim da exploração e do consumo animal pode se basear em argumentos éticos, ou apontar para a responsabilidade de indústrias, como a pecuária, para o aquecimento global. Nesse ponto, é necessário afirmar que é impossível que a indústria alimentar modifique a si mesma, restringindo suas margens de lucro. Também devemos distinguir que, de forma positiva, surgiram dentro do veganismo correntes que assumem uma posição anticapitalista.

Essas correntes apresentaram o lema “somos a espécie em perigo de extinguir tudo”. Com o qual podemos concordar apenas parcialmente. Porque, efetivamente, tudo está em perigo de ser extinto. No entanto, as responsabilidades são mais específicas: o trem

rumo à extinção corre sobre os trilhos da exploração capitalista e é conduzido pelos governos patronais do mundo inteiro, que, com diferentes discursos, privilegiam os lucros capitalistas – e, em particular, os lucros das multinacionais – em detrimento das condições de vida da espécie humana e das condições de sobrevivência da própria natureza. É a busca pelo lucro capitalista, e não a espécie humana, que define o que, como e com quais matérias-primas se produz e com que regime de exploração, além do que é consumido, o que é anunciado, o que é subsidiado, o que se come e o que não se come, e também quais seres humanos comem e quais não comem.

Ocasionalmente, além de impulsionar as importantes manifestações que vimos durante todo o ano de 2019, esses grupos, como Greta Thunberg, agora, nas eleições ianques, chamaram a votar “contra os candidatos mais visíveis do lobby da indústria petroleira ou similares”, e “em defesa do ambiente”, em abstrato. Na Argentina, o grupo semianarquista XR, nas eleições de 2019, chamou a anular o voto com uma cédula verde com a cara de Thunberg, dando, com isso, as costas à Frente de Esquerda, como se fosse o mesmo que Macri ou Fernández.

b) Sobre o Colapsismo

Essa corrente não tem se sustentado, além do âmbito intelectual e de debates nas redes sociais, em organizações políticas de peso e nem dentro das organizações ambientalistas.

O chamado marxismo colapsista compartilha a denúncia do capitalismo com o ecossocialismo, mas critica o ecossocialismo pelo fato de, segundo eles, apresentar a falsa

expectativa de que a catástrofe ambiental e humanitária possa ser evitada. Sustenta que os estudos científicos com os quais contamos atualmente já não dão lugar a nenhum tipo de esperança nesse sentido, e que a tarefa dos revolucionários deveria ser fazer propaganda do colapso inevitável e elaborar um programa para a reconstrução de uma sociedade comunista depois do cataclismo humanitário, com aqueles que sobreviverem.

Segundo Miguel Fuentes, uma das principais referências dessa corrente, estamos próximos de “presenciar o começo dessa mortalidade em massa, se levarmos em conta que o limite catastrófico do aquecimento global (o qual ultrapassaremos durante a próxima década) é de apenas 1,5 graus Celsius. A questão aqui é começar a pensar não em como ‘deteremos’ esse fenômeno de extinção humana (já sem volta), mas, na realidade, em como podemos evitar a desaparecimento total da nossa espécie, inclusive se será possível que apenas 50%, 10% ou 1% da população humana atual seja capaz de sobreviver. É justamente aqui, nessa luta pela sobrevivência e pela preservação da nossa evolução genética e das melhores conquistas do desenvolvimento civilizatório de eras passadas, onde a perspectiva comunista adquire uma importância redobrada para o futuro” (Ecosocialismo versus marxismo colapsista. I y II. Sin Permiso, 04/07/2019, <https://www.sinpermiso.info/textos/ecosocialismo-versus-marxismo-colapsista-i-y-ii>).

Em certo sentido, isso é similar àqueles que, na década de 1960, apresentavam como tarefa a construção de abrigos nucleares diante da iminente “guerra nuclear” no pós-guerra.



Capítulo 7

Greta Thunberg, a adolescente sueca que chamou os jovens para que se mobilizassem contra as mudanças climáticas, denunciou a ONU, o Acordo de Paris e o Protocolo de Kyoto. Ela os chamou de irresponsáveis e

de repetir frases vazias, acusou-os de nem mesmo cumprirem seus tímidos compromissos, e tem toda a razão. Seu chamado a uma greve global contra as mudanças climáticas teve um grande eco, especialmente entre os jovens. Mesmo com o imenso respeito que essa adolescente conseguiu conquistar, dizemos que suas propostas para impedir a catástrofe que se aproxima não são suficientes. Pois são propostas que não apontam o capitalismo ou suas multinacionais como responsáveis. Afirmamos que, sem uma luta que proponha acabar com o sistema capitalista, qualquer movimento, por mais bem-intencionado que seja, está fadado ao fracasso.

Como viemos assinalando, participamos do movimento de forma unitária, acompanhando as causas justas contra a destruição do meio ambiente, visando ter sucesso na mobilização, mas sem deixar de realizar debates de fundo sobre a saída estratégica.

Algumas das polêmicas do movimento

Afirmamos que não haverá uma mudança qualitativa em relação ao meio ambiente se não formos à questão de fundo que está na origem da brutal crise climática: que a mobilização deve continuar para acabar com os governos capitalistas e a expropriar as multinacionais. Não podemos ser ingênuos e pensar que as multinacionais e o pequeno grupo de grandes capitalistas bilionários, que controlam o mundo e seus governos, estão dispostos a renunciar a seus fabulosos lucros, extraídos da exploração e opressão do povo trabalhador e da natureza.

Pois acontece o oposto. Os capitalistas têm como objetivo o lucro e pouco se importam em deixar milhões de trabalhadores feridos ou mesmo mortos e a natureza destruída. O que estamos testemunhando com a crise do coronavírus é a prova disso: depois de anos de governos se dedicando a tirar dinheiro da saúde pública para pagar a dívida externa imoral, entregando o máximo da saúde à iniciativa privada, esta pandemia coloca a nu suas políticas criminosas.

O sistema capitalista é irracional e sua própria lógica leva à destruição

do meio ambiente, às pandemias e doenças medievais. Isso é magistralmente demonstrado por Marx em suas obras: ao provocar um grande acúmulo de riqueza em um pequeno polo da sociedade, destruindo as forças produtivas mais importantes, como o ser humano e a natureza, mina o próprio sistema social capitalista, fonte de seus privilégios. Mas, também, o sistema capitalista, com suas políticas destrutivas e exploradoras, provoca as revoltas das trabalhadoras e dos trabalhadores, da juventude e dos setores populares, que são o fator essencial de mudança.

A partir dos diferentes governos, multiplicam-se as propagandas sobre o “uso racional da água”, que é “responsabilidade de todos”, que devemos tomar banho rápido ou fechar as torneiras ao escovar os dentes, etc. Muitos setores do movimento se concentram nessas propostas essenciais. Desde já, nós, socialistas, também apoiamos as ações mínimas de defesa ecológica e o uso racional da água, mas vamos além, denunciando que são campanhas hipócritas de governos que, ao mesmo tempo, protegem

as multinacionais do agronegócio, que, com a destruição massiva das florestas, reduzem a água doce e, com a mineração a céu aberto, a envenenam. Não consideram que o consumo humano (lavar roupa, tomar banho, lavar louça ou escovar os dentes, limpar casas, etc.) não gasta mais de 10% da quantidade total de água que a humanidade usa na indústria, mineração, agricultura, etc.

A maioria dos grupos que compõem o movimento contra as mudanças climáticas tem como foco a grande quantidade de CO₂ (dióxido de carbono) liberado pelos combustíveis fósseis, daí que sua proposta é voltada para o fim desse tipo de combustível, e também se pronunciam contra a energia nuclear, defendendo sua substituição pela energia solar ou eólica. Nós, socialistas, também compartilhamos dessas reivindicações e da necessidade de apoiar o desenvolvimento de energias renováveis. Que diferenças existem? Que muitas dessas correntes ambientalistas enfocam a denúncia do ponto de vista técnico contra a mineração a céu aberto, o fracking, o uso do petróleo, os fertilizantes com glifosato ou o “extrativismo”, sem questionar ou reivindicar a expropriação das multinacionais e a estatização dessas empresas para que reorientem sua produção em benefício dos povos. Muitos setores ambientalistas tampouco denunciam as empresas privadas que enriquecem com energias renováveis. Participamos das mobilizações propondo que sejam empresas estatais de energia renovável e sob controle dos trabalhadores e das comunidades.

Na Alemanha, com a criação de um grande movimento pelo fechamento de usinas nucleares, a chanceler Angela Merkel fechou um grande número de usinas e o país é campeão na fabricação e utilização de painéis solares e também de energia eólica. O que não é divulgado é que ela compra energia da França, vinda da energia nuclear!

A energia solar ou eólica é uma alternativa, mas tem as suas dificuldades que não podem ser ignoradas. Por exemplo, para existir energia solar ou eólica são necessários o sol e o vento, o que não há suficientemente em todos os países, especialmente no norte da Europa e na Ásia. Em artigo publicado com o título “A energia solar não é tão verde quanto você pensa”, a jornalista Ariana Eunjung Cha (citada por Silvio Sanchez Arango, 2/9/2014, ecosiglos.com) demonstrou como os painéis solares poluem. Nesse artigo, ela descreveu uma instalação chinesa de produção de polissilício de propriedade da Luoyang Zhonggui High-Technology Co. localizada perto do Rio Amarelo, na província de Henan. Essa instalação forneceu polissilício para a Suntech Power Holdings, então o maior fabricante mundial de células solares, bem como para outras empresas fotovoltaicas de destaque.

A jornalista descobriu que a empresa estava despejando resíduos de tetracloreto de silício (uma substância altamente tóxica) em regiões vizinhas, ao invés de investir em equipamentos que poderiam reprocessá-los, tornando a terra inutilizável para o cultivo e inflamando os olhos e a garganta dos moradores vizinhos. Além disso, o artigo sugeria que a empresa não estava sozinha nessa prática e que contava com a cumplicidade do governo chinês, a ditadura do PCCh, que é o maior emissor de CO₂ do mundo.

Há um debate aberto entre ambientalistas e cientistas de todo o mundo sobre o uso ou não da energia atômica e o que fazer com o lixo nuclear. Por outro lado, no início deste trabalho, afirmamos que consideramos as técnicas neutras, pois dependem da classe que as utiliza. No caso do imperialismo e dos capitalistas, seu desejo de lucro produziu verdadeiras catástrofes humanas e ambientais, como o caso de Fukushima, Japão (2011),

somado ao lançamento criminoso de bombas atômicas em 1945 (Hiroshima e Nagasaki) e os subsequentes testes nucleares. E no caso da ex-URSS e da burocracia estalinista que, por ineficiência e corrupção, causou o acidente nuclear de Chernobyl (1986). Devido à irresponsabilidade e insegurança do imperialismo e da burguesia, nossa corrente faz parte do movimento contra as usinas nucleares.

Nós, socialistas revolucionários, devemos apoiar as lutas concretas pelas causas justas do movimento ambientalista, denunciando os governos que protegem as empresas, com nomes e sobrenomes, e exigindo a imediata expropriação e retirada das multinacionais do país. Essas lutas, combinadas com o movimento da juventude em defesa do meio ambiente, podem gerar uma combinação explosiva e podem avançar em sua consciência anticapitalista.

Na Argentina, por exemplo, milhares foram às ruas em Mendoza, em dezembro de 2019, quando o presidente peronista Alberto Fernández foi eleito, para se manifestar contra a megamineração e, especificamente, contra o uso do cianeto, batalha que venceram. E lembremos também o caso do Brasil, onde a empresa Alunorte, próxima de Belém do Pará, cujos capitais são principalmente noruegueses, despejou material poluente nos rios da cidade e é acusada de ser a principal responsável pelo assassinato de lideranças que lutaram contra a poluição.

Nesta época de decadência do capitalismo imperialista, uma época de revoluções e guerras, e também de destruição da natureza e de homens e mulheres, nossa luta em defesa do meio ambiente está intrinsecamente ligada à luta contra o capitalismo e por um mundo onde exista uma economia planificada democraticamente que proteja a humanidade e a natureza: uma sociedade socialista.



world
social
forum 2009
Belém | Pará | Brasil

Capítulo 8

Fórum Social Mundial em Belém 2009.

O que é o Ecosocialismo?

Não podemos estudar ou ter uma política voltada para o movimento

ambientalista sem considerar que existe uma corrente mundial que se reivindica “ecossocialista”.

Entre os seus precursores estão figuras como Raymond Williams (Inglaterra, 1921-1988), André Gorz (França, 1923-2007), Manuel Sacristán Luzón (Espanha (1925-1985) e James O’Connor (Estados Unidos, 1930-2017). Entre seus representantes atuais estão o coautor do Manifesto Ecosocialista Internacional (2001), Joel Kovel (Estados Unidos), o marxista ecológico John Bellamy Foster (Estados Unidos), o indigenista peruano Hugo Blanco, a ecofeminista canadense Terisa Turner, o marxista belga Daniel Tanuro e muitos outros. Parte dessa tendência é a que assinou a declaração ecossocialista no FSM de Belém em 2008.

Alguns dos governos da falsa esquerda latino-americana, especialmente o governo de Evo Morales da Bolívia, juntaram-se a essa “onda” ecossocialista de forma pública, mas, em geral, tratam-se de setores de vanguarda da esquerda mundial. Essa corrente é muito heterogênea, indo de setores reformistas, verdes, acadêmicos e diferentes

personalidades. Inclui, por exemplo, pequenos partidos verdes, como o GroenLinks, na Holanda, e outros, como Iniciativa per Catalunya Verds, Coalició Compromís, no Estado espanhol, ou o Partido Verde de Saskatchewan, no Canadá, que se autodenominam ecossocialistas. O MST da Argentina também se define como ecossocialista.

No entanto, existe uma “paternidade”, já que surgiu a partir de elaborações da corrente dirigida por Ernest Mandel, do chamado Secretariado Unificado (SU) da Quarta Internacional. Então, é o mandelismo, e mais especificamente Michael Löwy, quem lhe dá sustentação ideológica, quem elabora e faz uma série de teorias, às quais devemos responder.

Contudo, as divergências com essa corrente não podem nos fazer perder de vista que estamos pela unidade de ação com eles e com todos os setores que lutam efetivamente contra as mudanças climáticas e suas manifestações com palavras de ordem corretas, sejam eles mandelistas, verdes ou de setores ditos progressistas. Os ecossocialistas fazem parte do movimento mundial contra a destruição ambiental. Coincidimos com os ecossocialistas, assim como com o resto do movimento ambientalista, em denunciar

que as mudanças climáticas constituem um perigo que ameaça seriamente a humanidade.

O ecossocialismo e o produtivismo

Por isso, também é muito importante que conheçamos suas posições. Algumas das definições mais importantes são feitas por Michael Löwy em seu livro “Ecosocialismo: a alternativa radical à catástrofe ecológica capitalista”. Vejamos:

“Esta corrente está longe de ser politicamente homogênea, mas a maioria de seus representantes compartilham alguns temas comuns: todos eles rompem com a ideologia produtivista do progresso - em sua forma capitalista e/ou burocrática e se opõem à extensão ad infinitum de um modo de produção e de consumo destruidor da natureza.” (Edición Herramienta editorial, 2011, pág. 30.)

“Portanto, o ecossocialismo é uma corrente de pensamento e ação ecológica que faz suas as contribuições fundamentais do marxismo ao mesmo tempo em que o liberta de suas escórias produtivistas...” (Ibidem, página 29)

Por outro lado, o documento do Congresso de 2018 da IV-SU afirma: “Nem sempre se leva em conta que a sustentabilidade

exige uma redução da produção [...] A luta contra as mudanças climáticas é uma reivindicação antiprodutivista por excelência [...].”

Para os ecossocialistas, o centro da causa das mudanças climáticas é o “produtivismo” e, por isso, sua política central é o “antiprodutivismo”. O que é produtivismo? Que em si mesma toda produção industrial é destrutiva, independente da classe que dirige o país, a economia e a produção. É por isso que incluem até Marx e “certos marxistas” na crítica ao “produtivismo”. O centro é o modo de produção em grande escala, e não o caráter injusto, desigual, irracional e destrutivo do modo de produção capitalista, devido ao caráter

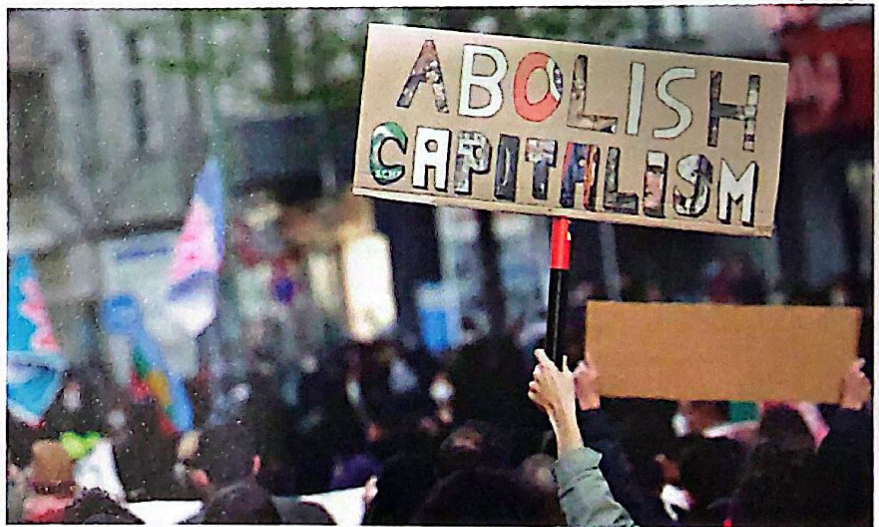
privado da propriedade das indústrias e da estrutura de classe capitalista que os governos defendem. Nesse aspecto, ele tem pontos de contato e acordos com ecologistas não marxistas. Embora os ecossocialistas se definam como anticapitalistas e por um socialismo ecológico, sua essência é denunciar que a base de toda destruição ambiental é a forma de produção industrial em geral, o “modo de produção e consumo”. Para eles, isso é mais importante do que a propriedade privada dos meios de produção. Por isso, também consideram que Marx e Engels tinham uma visão “produtivista”. É por isso que falam em libertar as contribuições de Marx das “escórias produtivistas”.

Para eles, o foco é o combate às técnicas, como o fracking de petróleo e gás, a mineração a céu aberto, o desmatamento descontrolado, a energia nuclear ou a indústria automobilística e todos os combustíveis fósseis. Mostrando essa falsa orientação “antiprodutivista”, eles deixam de mencionar a luta concreta contra as empresas multinacionais de petróleo e mineração e os governos capitalistas que as aplicam. É correto em casos concretos denunciar técnicas devastadoras ao meio ambiente e à humanidade, como o fracking ou a mineração a céu aberto, mas nosso centro é denunciar as multinacionais do petróleo (Chevron, Exxon) ou da mineração (Barrick) e reivindicar sua expropriação e estatização.

Mudam a definição de Marx sobre o modo de produção capitalista

Foto: Getty Images

São revisionistas do marxismo porque mudam a definição de Marx de “modo de produção” capitalista. Eles criam a armadilha de colocar um sinal de igual entre as forças produtivas e os modos de produção. Para Marx, o modo de produção capitalista não são apenas as forças produtivas (a natureza, as técnicas de produção e o fator humano), mas, também, e essencialmente, a propriedade privada dos meios de produção. Para o marxismo, essa é a chave da decadência da humanidade, da exploração, da miséria crescente, da destruição das forças produtivas e da natureza. A causa central da miséria humana e da destruição ambiental não é o excesso da produção industrial e o afã “produtivista” do capitalismo, mas a propriedade privada dos meios de produção, a cujos donos não lhes interessa a vida das trabalhadoras e dos trabalhadores ou a defesa do meio ambiente, mas somente seus desejos de aumentar suas cotas de exploração e extração de



“Abolir o capitalismo”, manifestação no dia 1º de maio de 2021 em Berlim

mais-valia. Chamando a si mesmos de marxistas, os ecossocialistas destroem a essência do marxismo e o objetivo da revolução social. Segundo Michael Löwy: “Um certo marxismo clássico, apoiando-se em algumas passagens de Marx e Engels, parte da contradição entre forças produtivas e relações de produção para definir a revolução social como a supressão das relações de produção capitalistas,

transformadas em um obstáculo para o livre desenvolvimento das forças produtivas. Essa concepção parece considerar o aparato produtivo como ‘neutro’ [...] Essa perspectiva deve ser rechaçada”. (Ecosocialismo: La alternativa radical a la catástrofe ecológica capitalista. Ediciones Herramienta. 2011, páginas 33-34). Löwy diz nitidamente que essa perspectiva deve ser “rechaçada”.

Isso faz com que, em seus textos e propostas, a questão da expropriação da burguesia não seja mencionada ou seja mencionada de passagem e como “socialização dos meios de produção”.

Por isso, também estendem esse “produtivismo” (o desenvolvimento da produção industrial) ao “socialismo burocrático” da ex-URSS e afirmam que essa foi a causa do colapso desses estados. Com isso, eles lavam a cara do estalinismo. Os estalinistas também deram uma explicação semelhante para sua queda, dizendo que havia “muito cimento”, muito estatismo e pouco “humanismo”. A causa de seu fracasso não foi o “produtivismo”, mas o domínio de uma burocracia contrarrevolucionária que impôs uma ditadura brutal e uma “planificação” burocrática que deformou completamente o aparato produtivo na URSS e, sob a teoria do socialismo em um só país, pactuou com o imperialismo não impulsionar a revolução socialista internacional para acabar com o sistema capitalista-imperialista e

expropriar a propriedade privada.

Para nós, socialistas revolucionários, a causa desta possível catástrofe histórica é a propriedade privada e o sistema capitalista-imperialista. Por isso, propomos uma revolução social para expropriar a propriedade privada e para que a classe trabalhadora e os setores populares governem, para começar uma planificação democrática e socialista da economia. O problema não é, em si mesmo, toda produção em grande escala ou um determinado tipo de consumo, mas sim de classe, de quem detém a propriedade. A tarefa é substituir uma classe por outra para começar a combater as causas da miséria crescente das massas e das mudanças climáticas. No entanto, isso não impede, mas exige, ter uma política e palavras de ordem desde agora para enfrentar concretamente a destruição ambiental produzida pela voracidade do capitalismo imperialista. Por isso, é necessário um programa revolucionário que nos permita responder em cada caso concreto.

Löwy e o mandelismo também

revisam a definição marxista de que a técnica é neutra (citada no primeiro capítulo) e que seu uso depende da classe que a maneja. Segundo Löwy, “o aparato produtivo, por sua natureza e estrutura, não é neutro, está a serviço da acumulação de capital e da expansão ilimitada do mercado. [...] É necessário, então, ‘revolucioná-lo’, transformando radicalmente sua natureza. Isso pode significar, para alguns ramos da produção, por exemplo, algumas técnicas de pesca intensiva e industrial [...] ‘destruí-las’ (Ibidem, pág. 35). Ou seja, Löwy continua falando em destruir toda a técnica em grande escala e não expropriar a propriedade. Como assinalava Nahuel Moreno: “A técnica — assim como a ciência e a educação — são fenômenos neutros que se tornam produtivos ou destrutivos de acordo com o uso classista que lhes é dado. A energia atômica é uma descoberta científica e técnica colossal, mas transformada em bomba atômica é uma grande tragédia para a humanidade” (Atualização do Programa de Transição, Tese XIV).

Ecossocialismo e socialismo utópico

Toda a elaboração teórica do ecossocialismo e, principalmente, dos ideólogos mandelistas, Löwy e Tanuro, apontam para um futuro pós-capitalista tendendo a posições próximas do velho “socialismo utópico”, que eles próprios citam. Não têm um programa para impulsionar as lutas e fazem propaganda abstrata de um eventual futuro “ecossocialista” da humanidade. Assim como para eles não existem multinacionais em suas denúncias, tampouco existem as direções burguesas e reformistas que dirigem o movimento de massas e que têm influência decisiva no desenvolvimento das mobilizações em defesa da



classe trabalhadora e contra as mudanças climáticas. E vinculado ao problema de direção, do qual nunca falam, não colocam

em lugar nenhum a luta por um governo dos trabalhadores e setores populares, por isso acaba sendo uma concepção aclassista. Para os ecossocialistas, o central para combater as mudanças climáticas ou a destruição do meio ambiente é produzir uma mudança na forma de produção e consumo.

Quando Löwy se refere ao que seria uma “economia de transição para o socialismo”, ele nunca menciona a palavra expropriação nem a classe trabalhadora nas decisões ou em suas necessidades, mas usa

termos como “sociedade” ou “população”. Löwy afirma que “a primeira questão levantada é, então, sobre o controle dos meios de produção e, sobretudo, das decisões de investimento e mudança tecnológica; de modo que esses meios e decisões devem ser tomados dos bancos e das empresas capitalistas para se tornarem bens comuns da sociedade. Certamente, a mudança radical envolve não só a produção, mas também o consumo”. Löwy diz que o poder de decisão deve ser “tirado dos bancos e empresas capitalistas” e passar a ser “bem comum da sociedade”.

E continua: “em outras palavras, uma economia de transição para o socialismo [...] no meio ambiente social

e natural, porque se funda na opção democrática de prioridades e investimentos decididos pela população - e não por leis de mercado ou por um politburo onisciente.” (Ecosocialismo..., op. cit., página 32).

É o próprio Löwy quem confirma sua proximidade com o socialismo utópico:

“A utopia é imprescindível na mudança social, desde que baseada nas contradições da realidade e nos movimentos sociais reais” (ibidem, pág. 35). E cita Walter Benjamin que, segundo Löwy, “na sua ‘Tese sobre a filosofia da história’ propõe enriquecer o materialismo histórico com ideias de Fourier, aquele visionário utópico que sonhou com ‘um trabalho que, longe de explorar a natureza,

está em condições de aliviá-la das criaturas que dormem latentes em seu seio” (O que é Ecosocialismo?, de Michael Löwy, outubro de 2004).

É impossível, e por isso utópico, empreender algum caminho “de transição para o socialismo” cujo primeiro passo não seja o triunfo da revolução socialista e sua extensão a outros países. E também é impossível falar da reconversão produtiva enfrentada pelo governo operário e popular sem levar em conta a realidade condicionada em responder às necessidades imediatas de subsistência e bem-estar dos trabalhadores e setores populares. A prioridade não poderá ser o combate ao uso do automóvel individual ou às pautas de consumo dos explorados.

Antiprodutivismo e coronavírus

Um exemplo grotesco de sua luta antiprodutivista é como o responsável do trabalho ecosocialista do ex-SU, Daniel Tanuro, escreveu em 14 de março de 2020: “Neste momento, graças ao coronavírus, foi demonstrado que é possível colocar em marcha seu declínio radical em torno de 7% ao ano (das emissões de CO2 – Nota da Redação). Com uma condição: reduzir a produção e o transporte”.

Certamente, em meio a um colapso econômico global, é evidente que terá um impacto no meio ambiente. A redução de CO2, por exemplo, é visível em um mapa que mostra o norte da Itália antes e depois do coronavírus e da paralisia em que está o país. Tanuro finaliza seu texto com a seguinte afirmação: “Visto dessa forma, enfim, o coronavírus poderia ter efeitos ideológicos positivos, ecosocialistas, ecofeministas e decoloniais. Pena que seja ao preço de uma forte epidemia”. Logicamente que, em um mundo parado, praticamente em quarentena global,

onde só são produzidos alimentos e produtos farmacêuticos, enquanto o desemprego e a fome aumentam, o CO2 no meio ambiente diminui.

O que criticamos nesses antiprodutivistas é que o mundo antes do coronavírus já tinha milhões de desempregados, subempregados e precarizados. E o futuro se preannuncia pior, pois essa paralisia da produção mundial trará como sequelas uma possível recessão mundial, com mais desemprego, e não menos, e mais fome e miséria para os trabalhadores, e não menos. Não achamos correto falar em antiprodutivismo quando muitas fábricas e empresas, antes da pandemia, já trabalhavam com até 50% de sua capacidade instalada. Seria preciso perguntar aos trabalhadores se concordam em manter o sistema produtivo semiparalisado com as consequências que isso gera em relação ao emprego.

A crise capitalista nos apresenta estas contradições: somos a favor de um sistema de transporte público

como o ferroviário, mas, se eles demitem os trabalhadores de uma fábrica de automóveis, o que fazemos hoje? Somos a favor do fim de todas as empresas de armas, mas, se a fábrica de armas da Taurus demite ou fecha: qual seria nossa posição como marxistas revolucionários? Porque se trata de lutar e mobilizar os trabalhadores para seus problemas concretos, e não de fazer propaganda sobre o “antiprodutivismo”, o que seria totalmente equivocado.

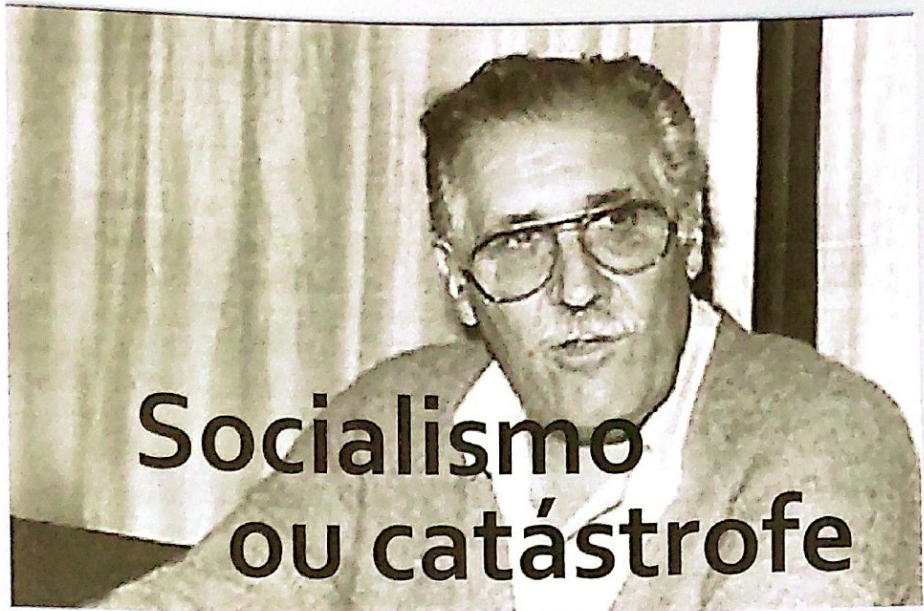
Somos a favor da palavra de ordem de “redução da jornada de trabalho sem redução salarial” e também concordamos com Marx e Engels quando falaram em substituir o reino da necessidade por uma sociedade onde haja tempo livre para o ócio criativo, etc. Mas isso não nos afasta da necessidade de lutar pelas questões concretas e imediatas do povo trabalhador, na perspectiva de alcançar o triunfo da revolução socialista com um governo da classe trabalhadora e do povo.

A saída de fundo, estratégica, para começar a derrotar a destruição ambiental passa por impor governos da classe trabalhadora e dos setores populares que expropriem as multinacionais e os grandes grupos econômicos e impulsionem uma economia socialista, democraticamente planificada em escala nacional e internacional.

Socialismo ou catástrofe é a disjuntiva histórica hoje. Mais atual do que a consigna de Rosa Luxemburgo de "Socialismo ou Barbárie" do início do século XX. Hoje ainda está presente a possibilidade de um retorno generalizado à barbárie, com formas escravistas, violência racista e contra mulheres e crianças, genocídios e brutais ditaduras para garantir os lucros do capitalismo. Mas uma ameaça ainda pior se soma: a catástrofe ambiental, que pode levar ao extermínio de grande parte da humanidade, junto com grande parte da vida em geral, animal e vegetal.

Nesse sentido, damos continuidade e atualizamos o que Nahuel Moreno já começava a propor desde 1980 em Atualização do Programa de Transição, que já citamos, com a consigna Trotskismo ou holocausto. Questão que retoma no livro Conversando com Moreno (1986), avançando para a consigna Socialismo ou holocausto:

"Pergunta: Socialismo ou barbárie significa o mesmo que socialismo ou holocausto? Porque você, em seus últimos escritos, usa essa expressão.



Nahuel Moreno

Moreno: É a mesma disjuntiva, mas em um plano qualitativamente superior, porque significa que a alternativa ao socialismo não é, como antes, uma regressão à barbárie, com a devastação de países e civilizações - como aconteceu nas duas guerras mundiais - mas a destruição total da humanidade, o desaparecimento da vida animal e vegetal da terra.

Falamos ainda há pouco sobre como o capitalismo destrói o ser humano. Mas o ser humano não é a única vítima. O capitalismo em sua atual face imperialista não é nada 'democrático' com a natureza: a destruição da flora e da fauna, a poluição do ar e da água e todo o meio ambiente pelos dejetos industriais e especialmente os nucleares estão avançando em um ritmo vertiginoso." (Conversaciones, pág. 6, www.nahuelmoreno.org).

"Isso significa que o desaparecimento da humanidade é um perigo concreto e imediato se os trabalhadores do mundo, principalmente os norte-americanos, não derrotarem os senhores imperialistas que os governam. Em outras palavras: socialismo ou holocausto" (Ibidem, pág. 7).

Somente com uma revolução socialista triunfante, tirando o poder dos capitalistas e com o poder das trabalhadoras e dos trabalhadores, expropriando as multinacionais, os bancos, as indústrias e os grandes latifundiários, controlando a terra e a

agricultura, as fábricas, os transportes, as minas, os mares, será possível reorganizar a sociedade em benefício das necessidades populares e da vida. Incluindo a reorganização da produção e da vida da humanidade, lutando contra a herança da crise ambiental produzida pelo modo de produção capitalista-imperialista.

O socialismo é uma economia mundial planificada democraticamente pelos trabalhadores. Isso fica mais nítido e necessário quando falamos em superar as mudanças climáticas. Não há como fazer isso com uma revolução em um só país. Em nível nacional, apenas medidas parciais podem ser tomadas contra as mudanças climáticas. A luta revolucionária começa no terreno nacional, que é o primeiro passo para derrubar os governos capitalistas, e deve continuar no terreno internacional. A mudança climática é um problema mundial. Somente com uma planificação internacional, expropriando o capitalismo e abolindo as fronteiras nacionais, poderemos começar a luta para impedir a catástrofe ambiental. Questão que provavelmente levará várias décadas ou gerações. Não será uma resolução automática. E será combinada com todas as tarefas sociais, como a superação da fome e da pobreza, que estarão colocadas para a revolução socialista.

Expropriando o capitalismo na

maior parte do planeta e abolindo as fronteiras nacionais, a classe trabalhadora e os explorados do mundo poderão concentrar em suas mãos os recursos necessários para começar a erradicar a fome, dar trabalho, educação, saúde, moradia, lazer, cultura e organizar a produção de forma democrática, banindo formas de produção que afetam a natureza e geram as mudanças climáticas.

Para impedir a catástrofe ambiental faz falta uma mudança revolucionária na forma de propriedade, de produção, de transporte, de consumo e distribuição, que só poderá ser realizada integralmente e em escala internacional com a revolução socialista e governos de trabalhadores e trabalhadoras.

Além de mudar o tipo de energia utilizada, terminando com a energia baseada em hidrocarbonetos, carvão, petróleo e gás, o consumo de energia deve ser reduzido, anulando produções inúteis ou prejudiciais. O capitalismo tem fechado setores produtivos, geralmente não por razões ecológicas, mas porque eles não estavam dando lucros

suficientes, demitindo milhares de trabalhadores, deixando-os sem empregos. Nesses casos, ocorreram desastres sociais, como no País de Gales ou nas Astúrias com as minas de carvão, na Bolívia com as minas de estanho, etc. Em todos os casos, um governo de trabalhadoras e trabalhadores começará garantindo a continuidade de todos os direitos, conquistas e salários das e dos trabalhadores dos setores que fecham, garantindo empregos de qualidade em outro setor.

Rumo à supressão da indústria armamentista

A produção irracional que representa maior ameaça para a humanidade é o enorme gasto armamentista. Esses gastos aumentam a cada ano, embora não exista, no momento, a possibilidade de uma guerra mundial (que, no entanto, não é totalmente descartável no futuro, tendo em vista o agravamento da crise do sistema capitalista e do imperialismo). O mundo gasta anualmente cerca de 2 trilhões de dólares, dos quais metade nos Estados Unidos, para produzir e manter um arsenal de barcos,

aviões, bases militares, drones, robôs assassinos e milhares de bombas e mísseis atômicos, armas químicas e biológicas, cuja única "utilidade" seria destruir cidades e nações inteiras, caso desgraçadamente decidam utilizá-los, como ocorre com o povo palestino sob os ataques assassinos do Estado de Israel. No melhor dos casos, se a maior parte dessas armas não venha a ser efetivamente utilizada por ora, a simples manutenção, fabricação e transporte desse arsenal utiliza uma enorme quantidade de energia altamente poluente e uma grande força de trabalho humana.

Um Estado ou grupo de Estados dos trabalhadores estaria obrigado a se armar em um mundo dominado pelo capitalismo imperialista e a ameaça que este representa. No entanto, deveria chamar os trabalhadores e trabalhadoras de todo o mundo a exigir o desarmamento universal. Em primeiro lugar, o desarmamento nuclear. Isso implicaria começar por expropriar, sem indenização, as indústrias de fabricação de armas, fechando-as ou reconvertendo-as para fabricar produtos em benefício da sociedade.

O transporte racional e de baixo consumo energético para pessoas e produtos

A economia mundial é um avanço da humanidade, mas, sob a dominação do capitalismo e das multinacionais, que competem pelos mercados com o único objetivo do lucro, o intercâmbio comercial mundial possui uma grande irracionalidade. Assim, enormes quantidades de produtos e alimentos são transportadas para consumo em outra parte do mundo, a milhares de quilômetros do local de produção, muitas vezes desnecessariamente, pois poderiam ser produzidas localmente ou em regiões próximas dos lugares onde



serão consumidas. Esse tipo de comércio mundial gera um enorme consumo de energia. Voltada para as necessidades reais, uma planificação socialista do intercâmbio, da produção e do consumo poderia reduzir drasticamente o transporte a grandes distâncias.

Da mesma forma, o transporte de milhões de pessoas,

especialmente o deslocamento cotidiano, nas cidades e interurbanos, é realizado em grande parte por meio de automóveis individuais. Um Estado governado pelos trabalhadores deve priorizar o transporte público estatal, que gasta muito menos energia, especialmente os movidos a eletricidade, como bondes,

trens e metrô. Um transporte coletivo público controlado pelos trabalhadores, eficiente e de qualidade, gratuito ou de muito baixo custo, priorizando trens e transportes à base de eletricidade, melhoraria muito a qualidade de vida da população e faria diminuir radicalmente o consumo de energia gasta em transporte hoje.



Basta de mineração poluidora

O esgotamento de jazidas de minério superficiais deu lugar à adoção de novas formas de exploração pelas mineradoras multinacionais, algumas das quais, particularmente a mineração a céu aberto, poluem enormemente as terras, lagos, rios e mares pelo uso de poderosos venenos, como o arsênico. Essas explorações mineradoras, que produzem

lucros para o grande capital, destroem áreas agrícolas, poluem rios, lagos, florestas e mares. Ou seja, o prejuízo econômico e social, que sofre a maioria da população, é muito maior do que o benefício que se concentra em uma pequena minoria. O governo das trabalhadoras e dos trabalhadores deve começar por expropriar as multinacionais mineradoras, sejam elas

poluentes ou não, e passá-las para as mãos do Estado sob controle dos trabalhadores. E, em especial, deve proibir essas formas de mineração ou avaliar tecnicamente cada caso, consultando as populações locais, os reais impactos produzidos por cada exploração mineradora, sobre a base de priorizar a defesa da vida nas florestas, mares, rios, lagos e demais superfícies aquáticas.



Expropriar monopólios do agronegócio e da pesca industrial. Produção agrícola e pesqueira controlada pelos trabalhadores

CORRESPONDÊNCIA Internacional

Nas últimas décadas, houve mudanças qualitativas nas atividades agrícola, pecuária e pesqueira. Esses três ramos produtivos básicos para a alimentação humana estão sob o monopólio de gigantescas empresas capitalistas, em grande parte multinacionais.

Na agricultura, a utilização de

sementes transgênicas junto com poderosos venenos transformaram radicalmente a produtividade do trabalho. No entanto, o que parece um grande avanço, ao utilizar pouca mão de obra e aumentar a produção, terminou causando um grave dano para a terra e, em muitos casos, para a saúde humana. Em alguns países,

chegou a causar o abandono das áreas rurais por camponeses que perderam suas fontes de renda. Da mesma forma, a pesca industrial arrasou espaços marinhos inteiros, eliminando espécies que, durante séculos, foram essenciais para o sustento humano e, em diversas regiões, condenou à desapareção grande parte dos pescadores que

praticavam tradicionalmente a pesca artesanal. Em países como o Chile, o mar foi privatizado e entregue a grandes empresas como latifúndios marinhos.

Em ambos os casos, um governo de trabalhadores terá que empregar técnicas modernas na produção agropecuária, mas que sejam respeitadas com a saúde humana, particularmente

dos trabalhadores do campo, e também com a preservação da vida animal e vegetal nos rios, mares e florestas. Para conseguir isso, é necessário expropriar os monopólios agrícolas que fabricam sementes e monopolizam o comércio mundial de cereais e alimentos (como Bayer-Monsanto, Basf, Bunge, Cargill, Dow, DuPont,

Kraft, Cofco, Glencore, Nestlé, Louis Dreyfus, Nidera, etc.), assim como as grandes empresas de pesca industrial, que devem passar a pertencer ao Estado sob controle dos trabalhadores. Planificando a produção, a distribuição e a comercialização de alimentos saudáveis junto de cooperativas e unidades com apoio estatal.

A transformação da produção energética

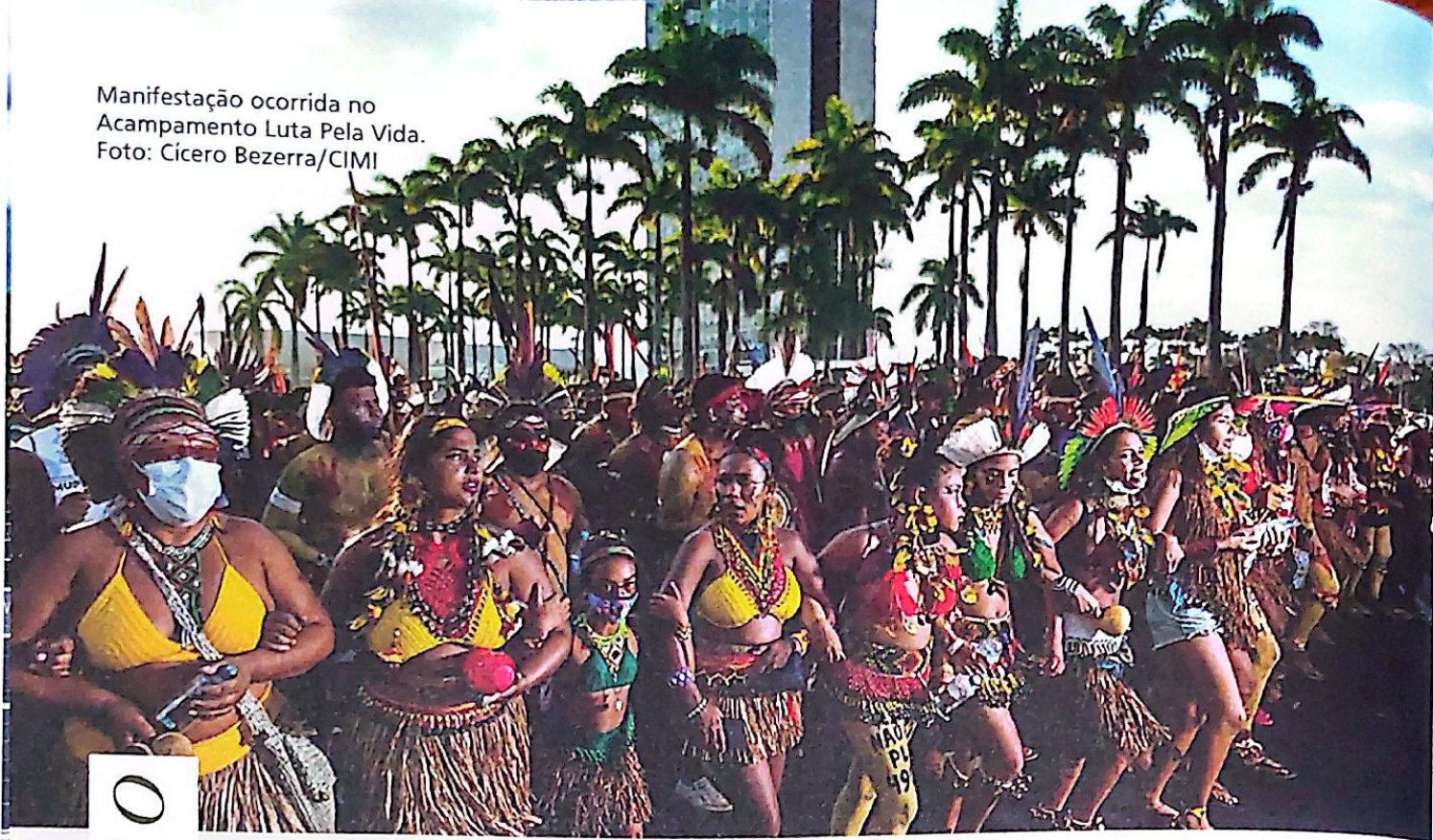
Impedir que continue o aquecimento global e se produza um desastre ecológico implica também uma mudança radical das fontes de energia, para que as emissões de carbono por queima de gás, petróleo e carvão sejam reduzidas ao mínimo ou até eliminadas. Além da energia atômica, que tem o gravíssimo problema dos resíduos radioativos, existem, hoje em dia, novas técnicas de produção de energia, como os painéis solares, a energia eólica (vento) e a hidrelétrica, produzida pelas barragens, ainda que estas últimas também possam trazer impacto prejudicial, no caso de grandes represas que destroem áreas florestais. Também existem técnicas de aproveitamento de algumas dessas fontes no transporte e produção (baterias de lítio, combustível hidrogênio e hidroeletricidade). A Alemanha, um importante país industrial imperialista, produz 70% de sua energia por meio

de painéis solares. Pesquisas científicas concluíram que o processo da fusão nuclear (outra técnica da energia nuclear) poderia proporcionar energia "limpa" (sem resíduos radioativos) e quase ilimitada, mas trata-se de uma técnica ainda inviável economicamente e não há previsão de que ela esteja disponível antes de meio século (50 anos), além de não se ter conhecimento se ela poderia causar outros problemas hoje desconhecidos.

No entanto, as mudanças energéticas se dão em uma escala ainda insuficiente para que se possa deter o aquecimento global. Os capitalistas e as multinacionais só aceitam mudar para fontes de energia "limpa" (sem emissão de carbono) na medida em que não haja redução de seus lucros e recebam subsídios e favorecimento para seus próprios negócios (como fazem os alemães que vendem placas solares). Os interesses capitalistas globais impedem

que essas mudanças ocorram em escala suficiente, porque o uso das novas fontes energéticas, cujo custo é maior, implicaria sacrificar uma parte de seus lucros. Por isso, só um governo dos trabalhadores em escala mundial, que inicie a construção de uma sociedade socialista, expropriando as grandes empresas energéticas e planificando democraticamente a economia com a classe trabalhadora e os setores populares, poderá também organizar a produção de energia e determinar quais fontes serão utilizadas e quais não serão, dando continuidade à pesquisa científica para o tratamento seguro dos resíduos nucleares, minimizando-os e etc. Somente assim se conseguirá a redução substancial e efetiva da energia do carbono, como reivindica o movimento "Sextas-feiras pelo Futuro", para impedir a catástrofe ambiental resultante do aquecimento global.

Manifestação ocorrida no
Acampamento Luta Pela Vida.
Foto: Cícero Bezerra/CIMI



Capítulo 10

Todas as medidas que apontam para um plano de superação da destruição ambiental capitalista somente poderão se concretizar no marco de uma revolução socialista em escala mundial. A única possibilidade de superar esse perigo e evitar o risco para a vida humana no planeta passa pelo fim do sistema capitalista-imperialista e a implementação do socialismo.

Mas, como temos ressaltado, isso só pode ser conseguido impulsionando a mobilização revolucionária operária e popular em todos os países, unindo as mobilizações contra as mudanças climáticas e a contaminação ambiental com as lutas operárias e populares contra os governos capitalistas por salário, saúde, educação, alimentação e pelos direitos das mulheres e da juventude.

Por isso, como dizemos no Documento Mundial do VII Congresso da UIT-QI: “não podemos cair na atitude sectária que consistiria em defender apenas a revolução

Programa de mobilização contra a destruição ambiental capitalista

socialista, mas devemos apoiar e impulsionar, em cada país e no mundo, todas as ações realizadas pelo movimento em defesa do meio ambiente, apresentando palavras de ordem contra as multinacionais e propostas mínimas de ação. Somos o polo revolucionário desse movimento amplo em defesa da vida no planeta. A UIT-QI apoia e impulsiona todas as lutas populares e da juventude em defesa dos recursos naturais e que enfrentem o saque e a depredação da natureza”.

Tratamos de levar a mobilização contra as multinacionais. Muitos setores do movimento ecológico ou verde situam a luta no plano exclusivo das técnicas de produção como o fracking, a mineração a céu aberto, o uso do glifosato, etc. É muito comum, por exemplo, o uso do termo “extrativismo”,

e os movimentos ambientalistas levantam a palavra de ordem “Não ao extrativismo”, que pode se tornar uma proposta mais progressiva se impulsionar a mobilização concreta contra os projetos multinacionais de megamineração. Mas essa não é a nossa consigna, já que por trás dela se busca evitar questionar o capitalismo e suas empresas saqueadoras. A questão não é apenas a “extração” em si, mas sim o fato de ser praticada por empresas multinacionais que saqueiam os países e causam danos ao meio ambiente. Nós acompanhamos essas reivindicações, mas vamos mais longe, identificando as lutas contra as empresas multinacionais, que são as que empregam essas técnicas para obter lucros e saquear os países. Por exemplo, ao mesmo tempo em que acompanhamos a

palavra de ordem pela proibição da mineração a céu aberto, por contaminar extremamente o solo e a água, e condenamos o uso do fracking ou a produção de carvão, exigimos a expulsão e expropriação das multinacionais

*** Não à contaminação das águas, do ar, das terras e do mar; não à destruição das selvas, matas, bosques e florestas.** Não ao deslocamento forçado de populações. Não à destruição da natureza pelas

Goldcorp, Yamana Gold, Randgold, BHP Billiton, Vale, Rio Tinto, Anglo American, Freeport-McMoRan Inc, entre outras. A tarefa principal passa pela mobilização para expulsar as multinacionais imperialistas predatórias e para



da mineração, do petróleo, gás e agroquímicos, como Barrick, Exxon Mobil, Chevron, Bayer-Monsanto, Total, Shell e outras.

Em resumo, temos um programa para impulsionar a mobilização, buscando a mais ampla unidade de ação em defesa do meio ambiente, mas também denunciando o saque das riquezas por parte do imperialismo e das multinacionais, na perspectiva de lutar por uma saída de fundo: o socialismo.

Defendemos o seguinte programa de luta e mobilização contra as mudanças climáticas e a destruição ambiental capitalista:

*** Exigência de que se declare a emergência climática em todos os países para exigir medidas urgentes contra a destruição ambiental.**

multinacionais e sua política de saque imperialista.

*** Não à megamineração a céu aberto.** Não somos contra a mineração em geral, e sim contra a mineração metalífera em grande escala, com uso de cianuretos e explosões de montanhas a céu aberto que atentam contra o direito humano fundamental, que é o direito à vida. Somos contra as multinacionais, que empregam essas técnicas criminosas para saquear os povos. Exigimos a expropriação de mineradoras como a canadense Barrick Gold, uma multinacional que está sendo processada em nove países de quatro continentes por atentar contra o meio ambiente. Fora com as multinacionais mineradoras Barrick Gold, Xstrata (anglo-suíça),

que as empresas estatais sejam donas irrenunciáveis do ouro e demais reservas e recursos minerais, garantindo que tais atividades sejam exercidas de forma sustentável, sob controle dos trabalhadores mineiros, técnicos, especialistas e de todas as comunidades diretamente envolvidas.

*** Em defesa da Amazônia. Basta de desmatamento, queimadas, saque e destruição da fauna e da flora.** Fora da Amazônia as multinacionais e latifundiários! Pela defesa dos povos originários, trabalhadores e camponeses e apoio às suas lutas! Com 7 milhões de quilômetros quadrados, a Amazônia é a maior floresta tropical do mundo, cobrindo 40% do território brasileiro e estendendo-se por mais

8 países. Seu regime de chuvas contribui para a irrigação dos solos e a redução do aquecimento global. Sendo a maior bacia hidrográfica do planeta, possui também a maior biodiversidade e contém 20% das reservas mundiais de água doce, abrigando diversos tipos de plantas, peixes, mamíferos, aves e

alimentícios e agropecuários Bunge, Cargill e ADM, a Agropecuária Santa Bárbara Xinguara (Agro SB), madeireiras como a Tradelink Madeiras, subsidiária da Tradelink Group (Reino Unido) no Brasil, a Caterpillar, entre outras. Também atua a multinacional brasileira JBS, que é a empresa processadora de

por expulsar as multinacionais e realizar uma reforma agrária radical, expropriando os latifúndios e seus proprietários nacionais e estrangeiros. E por um plano de produção e proteção com critérios de defesa do meio ambiente na Amazônia, realizado por empresas estatais controladas



insetos. No governo Bolsonaro, desde 2018, o desmatamento da Amazônia aumentou em 50% e os incêndios florestais em 85%. Com a cumplicidade do governo, os latifundiários desmatam e queimam indiscriminadamente a floresta a fim de preparar a terra para a exploração do agronegócio, submetendo os povos originários, esgotando as reservas de oxigênio da humanidade e destruindo a fauna e a flora. Centenas de latifundiários e multinacionais atuam destruindo a Amazônia, como a companhia estadunidense Alcoa, produtora de alumínio, a norueguesa Hydro, as gigantes multinacionais de produtos básicos

carne mais importante do mundo, com operações no Brasil, Austrália, Canadá e Estados Unidos.

No Brasil, diferentes governos impulsionaram a instalação de usinas hidrelétricas, muitas das quais com o fim de favorecer condições para projetos de investimentos capitalistas na Amazônia, desprezando os danos ambientais e a vida dos habitantes da região. Isso tem produzido movimentos e protestos populares, como ocorreu em Altamira, estado do Pará, contra a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, durante o governo petista de Dilma Rousseff.

A preservação da Amazônia e a proteção de sua fauna e flora passam

por seus trabalhadores, pelos representantes dos trabalhadores rurais, camponeses e em consulta democrática aos moradores da região. Devemos apoiar a luta e resistência dos povos originários e camponeses da Amazônia contra a ação das grandes mineradoras e do agronegócio, exigindo também a demarcação das terras reivindicadas pelos povos originários da região.

*** Não ao agronegócio capitalista.** Não ao desmatamento irracional. Não à Bayer-Monsanto e seus agrotóxicos. O modo de produção capitalista na agricultura provoca a destruição irracional das reservas florestais, mediante o

emprego de técnicas que esgotam a terra e provocam a erosão do solo. O avanço das fronteiras do agronegócio no mundo obedece ao objetivo do lucro dos grandes latifundiários e das multinacionais, e não das necessidades das populações e do cuidado da natureza. A cadeia produtiva do agronegócio mundial está nas mãos de apenas 87 corporações, com sede em 30 países. Entre elas, estão as multinacionais gigantes dos setores de bebidas e carnes, como Coca-Cola, AmBev, JBS e Unilever; mas também gigantes do ramo tecnológico, como IBM, Microsoft e Amazon, atraídas pela produção agrícola e a venda varejista online que manipula grandes conjuntos de dados e inteligência artificial. Segundo o Atlas Agroalimentar publicado em Brasil de Fato (6/9/2018), quatro grandes companhias controlam a importação e exportação de commodities agrícolas, reunidas no grupo conhecido como ABCD. São as empresas estadunidenses ADM (Archer Daniels Midland), Bunge, Cargill e o conglomerado multinacional Louis Dreyfus Co., sediado na Holanda. Devemos denunciar que, em muitos países, a atuação dos grandes grupos empresariais do agro impôs, por exemplo, a ampliação da fronteira agrícola para a plantação de soja e prejudicou a pecuária, ao mesmo tempo em que desmatou regiões e levou à destruição do meio ambiente.

Por sua vez, multinacionais como Bayer-Monsanto, Dow, DuPont, Bayer, Syngenta, BASF e outras, implementando políticas de saque e exploração capitalista-imperialista, impõem suas sementes geneticamente modificadas, pelas quais cobram patentes e royalties, espoliando milhões de produtores no mundo. É nesse contexto que situamos todas as questões

ambientais (derramamento de produtos químicos, mau uso da água, etc.). Fora Bayer-Monsanto e todas as multinacionais do agronegócio! É preciso dar um basta à ação das multinacionais da agroindústria! Exigimos a livre utilização das fórmulas técnicas das sementes geneticamente modificadas (GM), sem nenhum pagamento de patentes e royalties para a Bayer-Monsanto e outras multinacionais. Pela criação de empresas estatais que pesquisem e produzam sementes geneticamente modificadas e todo o tipo de fertilizantes a baixo custo, para planificar e desenvolver a produção agropecuária em benefício da classe trabalhadora e setores populares. Nesse caminho de luta pela expulsão e expropriação das Bayer-Monsanto e cia, exigimos a cobrança de altos impostos das multinacionais, gerando recursos para as instituições estatais de pesquisa, com o controle de seus resultados pelos camponeses e pequenos e médios agricultores. A pesquisa genética deve ser realizada por universidades estatais e seus resultados patenteados pelo Estado e não por empresas privadas, quer sejam nacionais ou estrangeiras.

*** Reforma agrária para ter uma produção agropecuária sem danos ambientais e a serviço das necessidades alimentares dos povos.** Apoiamos as lutas dos camponeses e pequenos produtores rurais por uma reforma agrária e melhores condições de vida. É preciso reorganizar o campo, expropriando os latifundiários e as multinacionais do agronegócio. Concessão gratuita de campos ou fazendas de exploração mista inferiores a 100 ou 200 hectares, provendo aos colonos o maquinário agrícola, crédito barato, assistência técnica, internet grátis, sementes e fertilizantes. Para as produções que, por razões de eficiência e

técnica o exijam, será incentivada a exploração coletiva por meio de cooperativas ou fazendas estatais. Planos estatais para controlar a rotação e fertilização da terra para devolver ao solo os nutrientes extraídos em cada colheita. Planejamento territorial que leve à criação de áreas protegidas que evitem a eliminação em massa do ecossistema natural. Essas medidas permitirão combater a destruição dos recursos naturais, aumentando de forma racional a produção agropecuária e favorecendo o bem-estar da população rural.

*** Priorizar o transporte público-estatal, de cargas e pessoas, menos poluente, como as ferrovias, utilizando os fundos que atualmente são apropriados pelas transportadoras privadas com subsídios estatais e os recursos que hoje são destinados às multinacionais, ao FMI e ao pagamento das dívidas externas.** Nos países semicoloniais, como a Argentina e o Brasil, a rede ferroviária estatal foi liquidada ou privatizada há décadas para favorecer o transporte privado via caminhões, muito mais caro e altamente poluente. Pela reestatização das ferrovias sob controle dos trabalhadores, pela reabertura de linhas e pela ampliação nacional de modernas malhas ferroviárias para transporte de passageiros e cargas.

*** Não à indústria armamentista.** Pelo desarmamento do imperialismo mundial. Canalizando esses grandes recursos para as necessidades das massas e para superar a fome no planeta. Expropriar, sem indenização, todas as indústrias privadas de fabricação de armas, fechando-as ou reconvertendo-as para fabricar produtos em benefício dos povos.

*** Apoiamos o movimento contra as usinas nucleares.** Esses movimentos são progressivos e plenamente justificados. Não porque a humanidade tenha que desistir da energia nuclear, com fins pacíficos, para sempre. Mas esta só deveria ser utilizada em condições de máxima e extrema segurança, com transparência e controle democrático popular. O uso dessa energia nuclear nas mãos do imperialismo, das multinacionais e dos governos que os servem, em segredo e sem controle científico independente, priorizando seus lucros, como a construção de bombas (sabe-se, por exemplo, que Israel tem bombas nucleares), é um risco permanente que, com toda razão, os povos não podem correr. São os próprios povos, com seus cientistas independentes, em todos os países onde existem as usinas, que devem impor a abertura de um debate público e democrático urgente sobre seus riscos e a conveniência, ou não, de ter usinas nucleares. A energia nuclear é qualitativamente superior a outras energias descobertas e usadas pelo ser humano. É a expressão máxima do progresso tecnológico e do desenvolvimento das forças produtivas materiais da civilização atual. Mas, nas mãos do imperialismo, serviu apenas para guerras, para devastar cidades inteiras, contaminar populações e matar centenas de milhares. A origem de tudo isso está na corrida armamentista desencadeada pelo imperialismo ianque no final da Segunda Guerra Mundial. Assim, o mundo conheceu o poder devastador das bombas atômicas quando elas foram lançadas, em 1945, contra Hiroshima e Nagasaki. Em 1986, ocorreu o acidente na usina nuclear de Chernobyl, na ex-URSS. Depois, vivemos as duas maiores ocorrências em países capitalistas: Three Mile Island, nos Estados Unidos (1979),

e Fukushima, no Japão (2011). Não questionamos a técnica e o progresso. Questionamos o uso irresponsável dessa técnica, que leva à liquidação de nossa civilização. Para evitar um novo desastre atômico ou nuclear, é preciso acabar com a utilização irresponsável da energia nuclear pelo imperialismo. (1)

*** Por um plano de transição energético ecológico que reduza o uso do petróleo e do gás, criando empresas estatais com novas técnicas de produção de energia, como os painéis solares, energia eólica (oriunda do vento) e hidrelétrica (barragens em rios), garantindo que não causem destruição de florestas e que sejam autorizadas pelos povos originários, setores populares e comunidades locais.** Desenvolvimento baseado em recursos oriundos do não pagamento das dívidas externas e grandes impostos sobre grandes grupos empresariais e bancos.

*** Garantia, pelo Estado, dos direitos e conquistas da classe trabalhadora, como emprego, salário e seguridade social, nos casos de fechamento de qualquer indústria ou setor econômico que atente contra o meio ambiente.**

*** Sobre os refugiados climáticos ou populações que vivem em áreas impactadas por desastres ambientais, como em outros casos defendemos totalmente o seu direito a migrar e a gozar de plenos direitos, contra toda barreira migratória.**

*** Não a qualquer projeto de mineração ou produção rechaçado por seus povos.** Não à manipulação de governos e empresários com plebiscitos ou referendos. Por assembleias populares para decidir diante de

qualquer controvérsia produtiva que possa afetar o meio ambiente ou gerar contaminação aos povos,

*** Apoio a todas as reivindicações e mobilizações em defesa do meio ambiente e da vida dos povos originários do Peru, Chile, Venezuela, Bolívia, Argentina, Austrália e outras partes do mundo.**

*** Pela unidade da luta ambientalista, operária e popular.** Convocar o movimento ambientalista para se unir e ser solidário com as lutas da classe trabalhadora, pelos direitos das mulheres e da juventude contra os governos capitalistas e o imperialismo.

*** Basta do sistema capitalista-imperialista. Contra a destruição ambiental capitalista. Socialismo ou catástrofe.** Por governos dos Trabalhadores e pelo Socialismo para expropriar os capitalistas e planificar a economia democraticamente com base nas necessidades da classe trabalhadora, dos povos e do combate às mudanças climáticas e à destruição ambiental.

Unidade Internacional de Trabalhadoras e Trabalhadores - Quarta Internacional (UIT-QI)
 Texto aprovado no VII Congresso Mundial, dezembro de 2020.

(1) Sobre a questão da energia atômica, o VII Congresso resolveu deixar aberto o debate, com base na contribuição dos companheiros da Esquerda Socialista de Bariloche (que se reproduz mais abaixo). Sobre a base de que hoje apoiamos os movimentos contra as usinas nucleares, que não oferecem nenhuma segurança em mãos do capitalismo, e o movimento pelo total desarmamento nuclear mundial, reproduzimos sua proposta alternativa:

Sobre o uso da energia nuclear

A energia nuclear é uma técnica, e como tal é neutra. Os seus benefícios para a humanidade, e em particular para a classe trabalhadora, dependem de como será usada e de quem serão os seus detentores. A energia nuclear é qualitativamente superior às outras formas de energia descobertas e utilizadas pela humanidade. É a expressão mais alta do progresso tecnológico e do desenvolvimento das forças produtivas materiais da atual civilização. Mas, em mãos do imperialismo, só tem servido para as guerras, para devastar cidades inteiras, contaminar populações e matar centenas de milhares de pessoas.

Uso com finalidade armamentista

***Apoiamos todos os movimentos pelo desarmamento e desmantelamento do armamento nuclear.** Esses movimentos são progressivos e estão totalmente justificados. A origem de tudo isso está na carreira armamentista desatada pelo imperialismo ianque no final da Segunda Guerra Mundial, quando o mundo conheceu o poder demolidor das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki em 1945. O uso da energia nuclear com finalidade armamentista pelo imperialismo, as multinacionais e os governos a seu serviço, em segredo e sem controle científico independente, priorizando lucros e produzindo bombas – sabe-se, por exemplo, que Israel possui bombas

nucleares – é um risco permanente que, com toda a razão, os povos do planeta não podem correr.

Uso com fins pacíficos

***Apoiamos os movimentos contra as usinas nucleares sem licença social.** Acreditamos que a humanidade não deve renunciar ao uso da energia nuclear com fins pacíficos, mas entendemos que a sua utilização só deve ocorrer em condições de máxima segurança, com transparência e controle democrático popular. Os acidentes de 1986 em Chernobyl, na antiga União Soviética, e os dois maiores acidentes ocorridos em países imperialistas, Three Mile Island (EUA) em 1979 e Fukushima (Japão) em 2011, pelas razões detalhadas no BDI 6, constituem, junto da questão do tratamento dos resíduos radioativos, ainda não completamente resolvida, elementos muito importantes que não podem ser desconsiderados. Não questionamos a técnica e o progresso, e sim questionamos a utilização irresponsável de técnicas que podem levar ao aniquilamento da nossa civilização. Para evitar um novo desastre nuclear, é necessário acabar com o uso irresponsável da energia nuclear pelo imperialismo. São os povos do mundo, com seus cientistas independentes, que precisam impor a abertura

de um urgente debate, público e democrático, sobre os riscos e a conveniência de ter usinas nucleares. Junto com isso, é preciso considerar que é imperioso pôr um fim às emissões de CO₂, e neste aspecto as usinas nucleares podem contribuir (sempre que respeitadas as Medidas de segurança), uma vez que não emitem esses gases. Sobre o uso com fins pacíficos, exigimos que se disponha do financiamento necessário para pesquisa e desenvolvimento de tecnologias para tratamento de resíduos nucleares, bem como de reatores (GEN IV) que minimizem os resíduos e técnicas de fusão nuclear que não produzam materiais radioativos.

*** Por um plano de transição energético racional,** que reduza o uso do carvão, madeira, petróleo e gás, criando empresas estatais com técnicas de produção de energia, como energia solar não contaminante, energia eólica (oriunda do vento), hidrelétrica (barragens em rios) ou usinas nucleares (com licença social), operando com uma matriz energética diversificada e garantindo que não causem destruição de florestas e que sejam autorizadas pelos povos originários, setores populares e comunidades locais. Desenvolvimento baseado em recursos oriundos do não pagamento das dívidas externas e grandes impostos sobre grandes grupos empresariais e bancos.



**NÃO EXISTE
PLANETA**

IB
